CATÁLOGO - 1ª EDIÇÃO

PAULO CAVALCANTE

O ARTISTA BRINCANTE

PAULO CAVALCANTE

O ARTISTA BRINCANTE

CATÁLOGO - 1ª EDIÇÃO

Brasília, 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paulo Cavalcante : o artista brincante / idealização Heloisa de Abreu ; curadoria Cleber Cardoso Xavier ; fotografia Thiago Maia, Ricardo Abreu, Sarah Medeiros. – Brasília, DF : Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-49906-2

1. Artes plásticas 2. Artistas brasileiros

3. Cavalcante, Paulo, 1957-2022 4. Cultura popular -Brasil 5. Distrito Federal (Brasil) 6. Nordeste -Descrição I. Abreu, Heloisa de. II. Xavier, Cleber Cardoso. III. Maia, Thiago. IV. Abreu, Ricardo.
V. Medeiros, Sarah.

25-275743 CDD-730.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Artistas plásticos : Biografia e obra 730.92

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Leia o QR Code
e acesse a versão
digital do catálogo

Todos os direitos reservados.

Permitida a reprodução parcial dos textos e imagens para fins não comerciais, com devida citação da fonte.

Este catálogo e a exposição Paulo Cavalcante o Artista Brincante são o resultado de um esforço coletivo, idealizado por Heloisa de Abreu, que transbordou afeto, memória e vontade de fazer acontecer. Nosso agradecimento ao Espaço Cultural Renato Russo e nossa profunda gratidão a cada pessoa que, de algum modo, contribuiu para que este projeto ganhasse forma e fosse realizado. Nosso carinho especial a: Adão Mariano Vaz, Arthur Emidio Teixeira Ferreira, Cesar Augusto Jacintho Teixeira, Claudio Eduardo Rodrigues dos Santos, Dimas Costa, Dorival Giacomitti, Hélio César Brasileiro, Herley José de Almeida, Laura Teixeira, Marco Aurélio Rodrigues dos Santos, Marcos Vieira, Osmane Bonincontro, Paulo Cesar Cavalcante Júnior, Paulo Luiz Abranches, Pedro Henrique de Abreu Silva, Roberto Cairo Vieira. A cada um, nosso muito obrigado!

Amado Paulo, a realização deste projeto é uma homenagem a você! Gratidão eterna pela sua vida, pelos momentos vividos, por sua arte e seu legado.

Heloisa de Abreu

SUMÁRIO

12
Apresentação

14
Texto Curatorial
da Exposição

18
Paulo Cavalcante

20
O artista e
sua trajetória

27
O brincante

31
Brasília

37
Abstratos

70
Figurativo

113
Esculturas

117
Linha do tempo

119
Créditos

Quero voar pra
Eu sempre pens
acalmar meu coração
de debulhadas para vem
a se

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, agradecemos por seu interesse em conhecer este material e mergulhar no conteúdo que se desdobra nas próximas páginas. Este catálogo foi estruturado com o intuito de apresentar a organização documental da produção artística visual de Paulo Cavalcante — ou PC, como era carinhosamente chamado pelos mais próximos. Sua expressão artística, no entanto, não se limitava às artes visuais: a literatura e a música também foram caminhos por onde sua poética se manifestava com vigor e autenticidade. Reunimos aqui o registro de todas as obras localizadas ao longo da preparação deste projeto, que resultou na exposição individual in memoriam realizada em Brasília, na Galeria Rubem Valentim, no Espaço Cultural Renato Russo – 508 Sul, durante os meses de junho e julho de 2025. A iniciativa partiu de um esforço familiar, idealizada por Heloisa de Abreu, com curadoria de Cleber Cardoso Xavier. O objetivo central da documentação dessas obras é proporcionar acesso a um acervo iconográfico que, por vezes, permanece disperso em coleções particulares, espalhadas por diferentes cidades.

Disponibilizado em formato impresso e digital, este catálogo busca democratizar o acesso à produção artística de Paulo Cavalcante, contribuindo para a preservação e divulgação da arte brasileira.

Ao torná-lo acessível tanto ao público espontâneo quanto a pesquisadores, curadores e demais agentes que constroem e reconstroem a historiografia da arte no Brasil, o projeto se insere em um debate necessário: o reconhecimento e valorização da produção artística popular e descentralizada, especialmente no contexto do Distrito Federal. Com este registro, afirmamos a presença de Paulo Cavalcante no rol dos artistas visuais que contribuíram para a cena cultural da capital brasileira, sobretudo nas décadas formativas da cidade.

Cleber Cardoso Xavier
Curador

SONHO. *Concioneiros Brincantes do Brasil* é resultado de 30 anos de pesquisas sobre a cultura popular, esforço é de um alagoano que já não mora mais aqui, mas tenta trazer o trabalho de volta para Alagoas

O BRILHO DA CULTURA POPULAR

FELIPE MORANGA *
ESTADÃO

Os mestres fazedores de cultura popular foram evocados por Paulo Cesar Santos e seu grupo Brasil Cantante durante mais de 30 anos. Nesse período, ele pesquisou a fundo canções, crenças e os costumes de possuas que são a mais pura representação de tudo que nos define como um povo. O resultado desses esforços é o espetáculo Concioneiros Brincantes do Brasil, que chega a Maceió em 20 de setembro, no Teatro Deodoro, às 19h. Ao longo do show, o público será levado a uma viagem pelo tempo e pelo espaço, passando por diversas regiões do Brasil e por diferentes épocas da história. "Além das belas canções, teremos no show interpretações dessa grande mestre", revela Santos, o poeta e artista de forma simples. Os brincos que é que enfeitam. "Os figurinos foram trabalhados com muitos brilhos e adereços da cultura popular", Paulo Cesar não cérebro Zé Marcenero. O ator Beto Martinez interpreta o Coronel Ludugerio, com linguagens regionais de raízes do grande artista de

no cá vão de detalhes logísticos a financeiros. "Meu grupo é composto por 13 integrantes. São oito deles músicos bem-sucedidos, duas dançarinas performáticas e três dançarinos. Viabilizar a vinda do nosso espetáculo sem a intermediação de parceiros é algo bem complicado", explica o diretor de artes e músico de formação. Paulo Cesar, que deixou Maceió aos 20 anos de idade para trabalhar em Brasília, conta que o espetáculo pode ser resumido como um belo resgate. "Me baseei bastante nas experiências vividas na minha infância e adolescência, Alagoas é um celeiro de grandes artistas", acrescenta.

O poeta brejeiro e sabedor sapateiro de Arapiraca Antônio Aurélio de Morais é o grande homenageado

da história. "Além das belas canções, teremos no show interpretações dessa grande mestre", revela Santos, o poeta e artista de forma simples. Os brincos que é que enfeitam. "Os figurinos foram trabalhados com muitos brilhos e adereços da cultura popular", Paulo Cesar não cérebro Zé Marcenero. O ator Beto Martinez interpreta o Coronel Ludugerio, com linguagens regionais de raízes do grande artista de

cicero Silva.

Para trazer o show *Concioneiros Brincantes do Brasil*, o grupo está disposto a abrir mão dos cachês. Propostas são bem-vindas. "Gostaria de fazer parcerias com produtores ou a iniciativa privada, hotéis, casas de espetáculos, teatros etc. O custo operacional mínimo de cachês gira em torno de R$ 8 mil. Sem de cenários e passagens, ficaria à vontade para negociações", explica. Para dois meses o espetáculo de muito tempo de ensaio e dedicação é o mais importante aqui. "Não se trata de artistas e não sabemos do cenário do ano, mas acredito do povo, ritmos dos espaços e das parcerias das instituições privadas ou governamentais", e

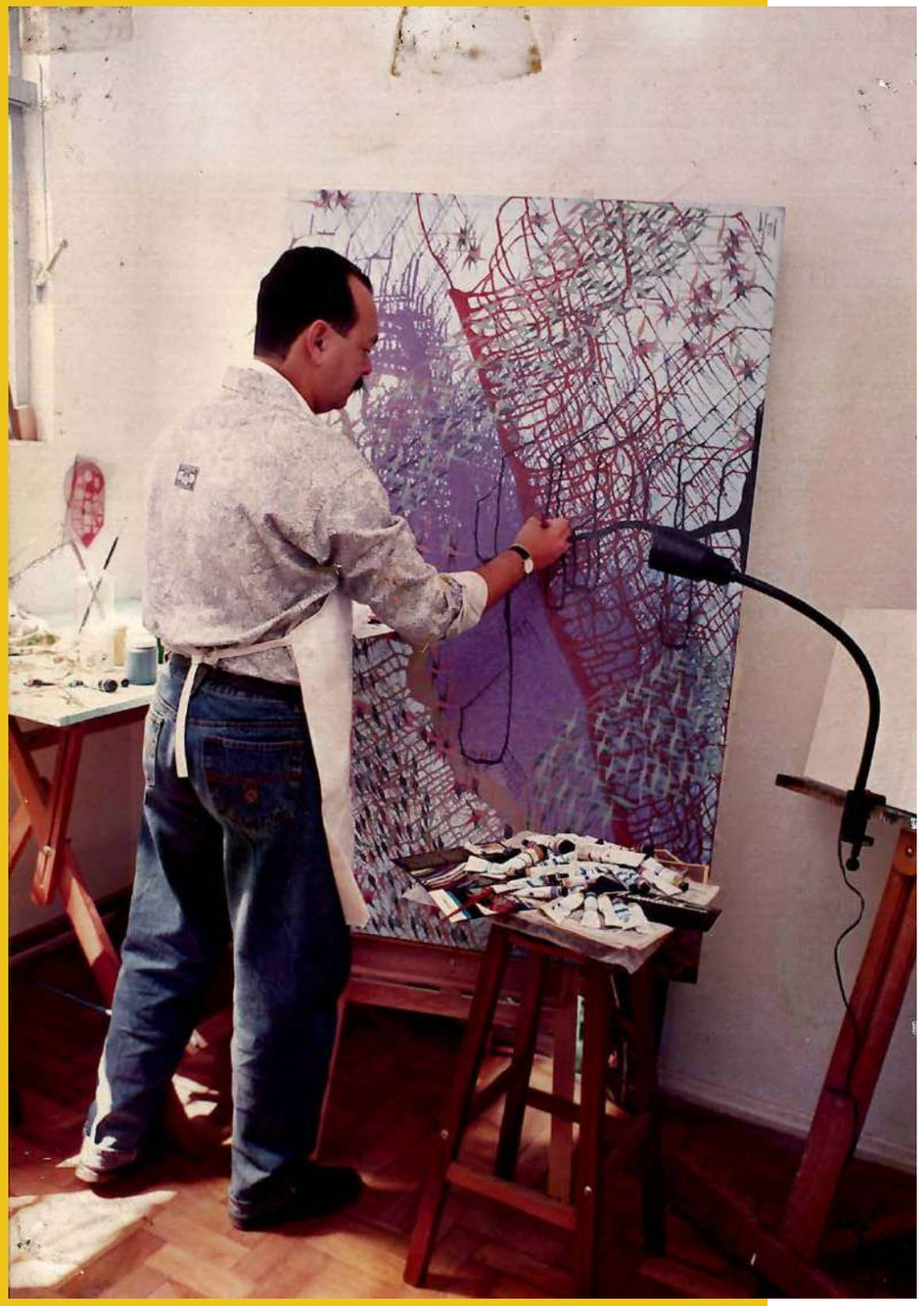
Parceria

Para apoiar o trabalho do grupo Brasil Cantante, você pode entrar em contato pelo telefone (61) 9999-9999.

TEXTO CURATORIAL DA EXPOSIÇÃO

Alagoano, radicado em Brasília, Paulo Cavalcante produziu arte ao longo de sua vida nas linguagens da literatura, da música e das artes visuais. Promoveu diálogos a partir de suas memórias, identidade e principalmente a partir da cultura popular brasileira, tão rica e admirada por ele.
O teatro e a dança se fizeram presentes em seus espetáculos, quando convidava a todos os espectadores a brincar a vida de maneira lúdica, alegre e plena. Nesta exposição você encontrará parte de sua produção. Saudosos de sua presença, compartilhamos com você esse universo cativante e colorido de um artista perfumado e brincante.

Cleber Cardoso Xavier
Curador



Paulo Cesar Cavalcante dos Santos nasceu em fins de 1957, à beira-mar, em Maceió, Alagoas.
Forjou seu caráter com cores e dores do que é feito aquele pedaço de chão chamado Nordeste.
No contato com a gente simples, bebendo da sabedoria popular e se fartando do rico imaginário.
Artista plástico, cantor, cenógrafo, produtor, músico, ator, compositor, escultor e brincante.
Soube como poucos coletar os mais puros motivos e recriá-los com engenho e arte pela vida afora.
Versátil, há mais de três décadas no coração do País (Brasília), Cavalcante vem trafegando com rara desenvoltura sobre múltiplas formas de dizer como enxerga, escuta e sente o mundo em que vive.
Criador dos grupos Brasil Cantante e Banda Parafuso.
Paulo Cavalcante é isso. Simples e completo como um torrão de açúcar em um copo de leite numa noite fria qualquer.

Hayton Jurema da Rocha

MUSICAL
O BRILHO DA
CULTURA POPULAR
Jornal de Brasília
A arte de um parceiro

PAULO CAVALCANTE
E SUA ARTE BRINCANTE

Cleber Cardoso Xavier
Curador

A produção artística visual de Paulo Cavalcante pode não ser extensa em número, mas é profundamente significativa em relação à sua trajetória e fixação no Distrito Federal. Com a escolha deliberada de não datar ou nomear suas obras, sua produção foi se construindo de forma orgânica — criada, exibida, comercializada e incorporada a diferentes acervos de maneira processual, sem seguir uma lógica linear ou sistematizada.

Um dos propósitos centrais deste catálogo, assim como da exposição realizada, é contextualizar essa produção visual, inserindo-a no debate mais amplo sobre a arte popular brasileira na contemporaneidade. Ao reunir e apresentar suas obras, buscamos fomentar uma leitura que reconheça não apenas seus elementos estéticos, mas também sua potência como expressão cultural enraizada, sensível ao tempo e ao território. Este material também visa contribuir para a discussão sobre a arte popular descentrada no Distrito Federal — aquela que, embora não esteja nos principais circuitos institucionais ou coleções formais, circula, resiste e compõe, silenciosamente, a história recente da capital.
No dossiê "Popular descentrado: olhares e narrativas contemporâneas na História da Arte, curadoria e coleções", o conceito de "popular" é abordado a partir de múltiplos olhares e possibilidades. Segundo os editores, trata-se de refletir sobre como a noção de "popular" tem sido tensionada, reconfigurada e dobrada no contemporâneo (OLIVEIRA, LIMA; 2024, p. 1). É sob essa perspectiva que convidamos o leitor a se aproximar da obra de Paulo Cavalcante — com olhar aberto, sensível às camadas que se escondem sob a superfície das cores e formas.

Há, como apontam Gomes e Melo (2024, p. 2), "uma lacuna na valorização e promoção da arte popular" que ainda precisa ser preenchida. Essa lacuna só começa a ser superada por meio de investigações que se debrucem tanto sobre o que já foi produzido artisticamente quanto sobre o que tem sido discutido academicamente. No caso do Distrito Federal, esse debate é ainda mais urgente, considerando o papel fundamental que os migrantes nordestinos desempenharam na formação sociocultural da nova

Cleber Cardoso Xavier é Doutor e Mestre em Arte
pela Universidade de Brasília.

capital. A presença massiva de trabalhadores, artistas e famílias vindas do Nordeste gerou uma produção artística rica, diversa e profundamente marcada pelas tradições dessa região.

No entanto, como reforçam os mesmos autores, “a valorização de manifestações populares e o reconhecimento da arte popular nordestina são aspectos que ainda precisam ser abordados dentro do cânone da história da arte brasileira” (GOMES, MELO, 2024, p. 2). Ainda há um caminho a ser percorrido para que essas expressões deixem de ocupar uma posição periférica e sejam, de fato, reconhecidas como parte fundamental da arte nacional.

É nessa perspectiva que este trabalho se insere. Ao registrar e refletir sobre a obra de Paulo Cavalcante, buscamos contribuir com a escrita da historiografia da arte no Distrito Federal, trazendo à luz a trajetória de um artista nordestino que se radicou em Brasília e construiu uma produção múltipla — nas artes visuais, na literatura e na música — sempre em diálogo com a cultura popular, a ludicidade e, sobretudo, com as vivências do povo nordestino. Sua obra expressa uma relação brincante com o mundo, na qual arte e vida se confundem em uma celebração das múltiplas formas de existir e criar.

GOMES, Raisa Figueira Soares; MELO, Sabrina Fernandes (2024). Trajetória e formação de um acervo de arte popular no nordeste brasileiro a partir da exposição “Brasil, arte popular hoje” (1990). Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.5, n.1,p.XX-XX,jan./jun. https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n1-2024-69878

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de; LIMA, Pedro Ernesto Freitas (2024). Editorial. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.5, n.1,p.XX-XX,jan./jun. https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n1-2024-69878EDITORIAL

O ARTISTA E SUA TRAJETÓRIA

Paulo César Cavalcante dos Santos, ou simplesmente PC (1957–2022), como era amplamente conhecido, faleceu aos 64 anos no dia 25 de abril de 2022, em Brasília — cidade onde se radicou após deixar sua cidade natal, Maceió, capital de Alagoas. Artista de múltiplas linguagens, com atuação marcante na música, literatura e artes visuais, era reconhecido por seus pares e familiares como um verdadeiro multiartista, cuja trajetória atravessou exposições individuais e coletivas, espetáculos musicais e montagens que mesclavam música, dramaturgia e performance.

Sua produção musical era inteiramente autoral e cuidadosamente concebida por ele, desde a escolha do repertório até a definição da identidade visual dos espetáculos. PC idealizava os projetos nos mínimos detalhes e convidava parceiros para colaborar na realização, guiando o processo criativo e conceitual de cada apresentação. Muitos dos músicos que participaram de seus shows acompanhavam-no em diferentes momentos, compondo uma espécie de coletivo artístico informal — não exatamente uma banda fixa, mas um grupo recorrente e afetivamente envolvido com sua obra.

A dimensão cênica de seus espetáculos também merece destaque: roteiros, dramaturgia e encenação eram elaborados por PC, que dividia o palco com músicos e, eventualmente, com atores, atrizes e bailarinos convidados, compondo cenas e atmosferas únicas para cada montagem. A cada novo projeto, havia uma construção específica em torno de um tema central, que servia de fio condutor para a experiência poética e sensorial proposta por ele.

Sua trajetória musical teve momentos emblemáticos desde muito cedo. Em Maceió, ainda jovem, criou o bloco de carnaval "Biritidum" em 1975, já demonstrando interesse por eventos coletivos e manifestações populares. No ano seguinte, durante um período em Recife, fundou a banda Scorpions (sem relação com a banda homônima internacional), com algumas apresentações registradas. Mais tarde, em Brasília, reunia-se com amigos em bares da cidade, tocando cavaquinho e violão em rodas espontâneas, marcadas por um repertório que evidenciava suas referências: Xangai, Alceu Valença, Renato Teixeira, Almir Sater, Elomar, Vital Farias, entre outros nomes que compõem o universo da música popular regional brasileira.

As apresentações de Paulo Cavalcante em bares e espaços culturais de Brasília se estenderam por décadas, com formações que variavam ao longo do tempo, assim como os nomes dos grupos que liderava. Entre eles, passaram a existir a Banda Parafuso, o Grupo Asas e, finalmente, o Grupo Brasil Cantante, nome que acompanhou sua trajetória até o fim. A

música era, para ele, um meio de expressão coletiva, um lugar de encontros e partilhas — e os palcos da cidade, extensões de sua casa e de seu imaginário artístico.

Sua atuação como cenógrafo também marcou momentos importantes. Em 1997, por exemplo, foi um dos responsáveis pela decoração carnavalesca do Minas Tênis Clube, em Brasília, que teve como tema o Carnaval do Futuro. A proposta inovadora ganhou destaque na imprensa local:

> *"A decoração carnavalesca do clube, sob o tema Carnaval do Futuro, foi apresentada ontem pelo presidente do Minas, Paulo Roberto D'Almeida, para convidados especiais (...) e a imprensa no salão com capacidade para seis mil pessoas. O carnaval do futuro vai ser mais informatizado, mas sem perder a animação, tentou explicar um dos decoradores do salão, Paulo Cavalcante, que usou até sucata na decoração."* (Correio Braziliense, 1997, p. 6)

Em 1998, veio o diagnóstico de Hepatite C, que o afastou temporariamente da cena artística. No entanto, após o tratamento inicial, retornou com força. Em junho de 2000, apresentou o espetáculo Brasileirando com o Grupo Brasil Cantante no Espaço Cultural Anatel, marcando o início de uma nova fase.

Nos anos seguintes, seus shows circularam por espaços como o restaurante Feitiço Mineiro, Teatro Dulcina de Moraes, Teatro Goldoni, Teatro Mapati, Galpão do Espaço Cultural Renato Russo – 508 Sul, e o bar Fulô do Sertão, entre outros. Esse momento marca a consolidação do artista brincante: o músico, o poeta e o visualista se encontram numa produção integrada. É também nesse período que Paulo inicia uma série de pinturas inspiradas na cultura popular, com elementos visuais recorrentes entre as obras — personagens festivos, cores intensas, símbolos do folclore e do imaginário nordestino.

Em 2004, lançou o CD "Eu Vou Pra Lua", com músicas de sua autoria e de outros compositores. O título foi inspirado no poema homônimo de Antonio Aurélio, poeta e artista alagoano, cuja temática aborda a pobreza e a injustiça social no Nordeste. A expressão "eu vou pra lua" simboliza, na canção e no disco, o desejo do nordestino por um lugar mais justo para viver — uma metáfora da esperança e da dignidade. As letras e melodias do CD evocam fortemente a cultura popular e suas raízes, como se vê no trecho de Frevociranda:

> *"Essa ciranda vem lá de Recife, essa ciranda cantei em Maceió. Esse meu jeito meio inibido, aprendi contigo, que saudade, ai que dó."* (CAVALCANTE, 2004)

CAVALCANTE, Paulo. Frevociranda. Letra de música. CD. 2004.

Correio Braziliense. Caderno 2. 1997.

Entre os espetáculos desenvolvidos por Paulo Cavalcante, destaca-se o "Cancioneiros Brincantes do Brasil", apresentado em 2016 no Teatro Goldoni, em Brasília. Inspirado nas tradições "brincantes" da cultura popular, o espetáculo reafirma a centralidade do lúdico e do folclórico na obra de PC, aspectos que atravessam também sua produção visual — especialmente nas pinturas realizadas a partir dos anos 2000. A escolha do subtítulo desta exposição e deste catálogo encontra eco direto nesse universo criativo, como ele mesmo declarou em entrevista ao Correio Braziliense:

> *"Dei pinceladas em várias regiões brasileiras e, por meio da vivência, descobri a beleza da música e do folclore; vi que as nossas histórias estão baseadas nessas manifestações."*
> (Correio Braziliense, 2016)

A mídia local também repercutiu o evento, destacando sua proposta poética e popular:

> *"Inspirado nas tradições brincantes de cultura popular, o diretor Paulo Cavalcante apresenta uma narrativa repleta de riquezas no espetáculo Cancioneiros Brincantes do Brasil. Por meio de canções que marcam o imaginário nacional, como Asa Branca, o artista promete uma viagem aos maiores encantos do universo lúdico."*
> (Correio Braziliense, 2016)

Outro marco em sua trajetória foi o espetáculo "O Disquite do Coroné", apresentado em 2018 no Teatro Dulcina de Moraes e no Teatro Mapati. O musical cênico-humorístico girava em torno do lendário Coronel Ludugero, personagem criado por Luiz Queiroga, representado por PC com ironia e irreverência. O espetáculo mesclava contos cômicos de Queiroga, canções autorais de Paulo Cavalcante, poemas de Antônio Aurélio de Morais e de outros nomes do cancioneiro popular. Era uma celebração da cultura regional, costurada por música, poesia, humor e teatralidade.

A construção do figurino e da cenografia evidenciava o olhar estético de PC sobre o universo popular: adereços artesanais, elementos carnavalescos, cores vibrantes e personagens folclóricos compunham um cenário lúdico, onde a tradição era resignificada através da performance. Ao lado de músicos, atores e dançarinos, Paulo promovia encontros potentes entre a riqueza da poesia, a expressividade da cena e o encantamento das raízes populares.

Durante a pandemia de Covid-19, PC se reinventou. Com as apresentações presenciais suspensas, passou a realizar *lives* musicais diretamente de seu ateliê, adaptando o espaço como cenário íntimo e criativo. Em 2020, recebeu o Prêmio FAC Cultura – Brasília 60, concedido pela Secretaria de Cultura do DF a artistas que contribuíram para o desenvolvimento artístico do Distrito Federal. Nesse mesmo ano, fundou a RBC Web – Rádio Brasil Cantante, onde transmitia semanalmente, às quintas-feiras, um programa ao vivo com repertório focado na música regional e nordestina, sempre entremeado por conversas, pedidos dos ouvintes e a participação de amigos e admiradores. A rádio era mais do que um canal de comunicação: era a extensão de sua poética e da sua missão de manter viva a cultura popular brasileira.

Sua formação como bonequeiro aconteceu ainda em 1977, em Recife, quando teve contato direto com a arte de confeccionar bonecos artesanais — tradição carnavalesca e teatral profundamente enraizada na

Correio Braziliense. Caderno 2. 2016.

cultura regional. Foi nesse contexto que passou a ser reconhecido como brincante, figura que canta, representa e celebra o folclore com o corpo e a voz. Essa vivência ecoaria em todas as dimensões de sua obra: nos figurinos, na cenografia, nos adereços, e também nas pinturas, carregadas de símbolos e referências ao imaginário popular nordestino.

O repertório de Paulo Cavalcante é inseparável de sua identidade. Nascido e criado em Alagoas, foi nesse território que sua sensibilidade artística se formou, enraizada nas tradições populares e na vivência cotidiana do Nordeste. Essas referências permaneceram pulsando ao longo de toda a sua trajetória, atravessando tanto sua expressão visual quanto sua performance cênica e musical. Sua obra é, em essência, um testemunho da força, da beleza e da complexidade da cultura popular brasileira, reinventada por um artista que soube olhar para suas raízes com afeto, crítica e criatividade.

É sob esse viés — o do brincante — que se estrutura a proposta dos agrupamentos da exposição e deste catálogo. Optamos por destacar estilos e recorrências visuais em suas pinturas, valorizando tanto a individualidade de cada obra quanto a diversidade de sua produção, que se manifesta em séries e núcleos com forte identidade própria. O brincar de Paulo transborda de sua arte para o outro, ecoando no olhar do espectador de maneira única. Sua forma de se expressar e de se apresentar ao mundo era, em si, uma manifestação artística — viva, vibrante e singular.
No cotidiano, sua presença era marcante. Roupas coloridas, estampadas, com brilho, acessórios ousados, anéis, chapéus, coletes — Paulo vestia-se como quem encarna um personagem. Sua escolha estética era intencional e comunicativa. Perfumes fortes, que o antecediam nos ambientes, completavam sua assinatura sensorial. Era impossível ignorá-lo: Paulo se fazia presente com o corpo inteiro, com todos os sentidos. Ele era, por si só, uma obra em movimento.

Durante sua infância e adolescência em Alagoas, foi criado pelos avós maternos, Dona Carmelita e Seu Eraldo, cujas histórias, costumes e visões de mundo, pertencentes a uma geração anterior, influenciaram profundamente sua formação estética e sensível. Desde cedo, demonstrava habilidades artísticas: desenhava, pintava, tocava violão. Seus primeiros desenhos, feitos com giz de cera sobre papel, retratavam o imaginário marinho de sua terra natal — o mar, as jangadas, os coqueiros, as paisagens litorâneas. Essas imagens acompanharam sua sensibilidade ao longo da vida, moldando a maneira como olhava o mundo e o transformava em arte.

Alguns marcos importantes da trajetória de Paulo Cavalcante evidenciam sua versatilidade como artista. Em 1980, venceu um concurso para criação da logomarca de uma empresa de laticínios em Maceió. No mesmo período, entre 1980 e 1984, produziu charges para o Jornal de Alagoas. Já em 1993, em Brasília, foi premiado pela criação da marca do Comando Militar do Planalto – Exército Brasileiro. Atuou ainda, entre 1985 e 1990, como desenhista e diretor de arte em agências de publicidade, mas acabou se afastando da área com a chegada das novas tecnologias, que transformaram a lógica do setor.

Como tantos artistas no Brasil, PC enfrentou os desafios da sustentabilidade financeira na vida artística. A instabilidade econômica, a falta de reconhecimento institucional e o mercado restrito muitas vezes impõem limitações àqueles que escolhem viver da arte. Ainda assim, Paulo seguiu criando. Escolheu permanecer fiel à sua arte, mesmo

diante das incertezas — um gesto de coragem e resistência que marca profundamente sua história. Segundo Ana Cavalcante, sua irmã, parte das obras produzidas durante o período em Recife foi perdida em uma enchente que atingiu sua residência na época. Assim, o que se conseguiu reunir, sistematizar e documentar com segurança refere-se à produção visual desenvolvida a partir de 1990, já no contexto do Distrito Federal.

Sua primeira exposição individual de pinturas em Brasília aconteceu em 1993, na AM Galeria. À época, em entrevista registrada pela imprensa local, o artista declarou: "O único limite da criação é o simbólico — a moldura. O resto é liberdade." E sobre o seu processo criativo: "Ao pintar me acalmo. A calma me inspira Deus." (Correio Braziliense, 1993)

Em relação à produção escultórica, essa foi bem mais restrita. Foram localizadas apenas quatro esculturas, todas realizadas em sua última década de vida. As peças têm caráter figurativo, coloração cobre, e são compostas a partir da justaposição de sucatas e peças mecânicas, reunidas de diferentes origens — um reflexo de sua abordagem inventiva e sensível ao reaproveitamento de materiais.

Correio Braziliense. Caderno 2. 1993.

O BRINCANTE

O termo brincante é definido como uma forma particular de expressão das pessoas que pertencem ao universo da cultura popular. Como explica Lewinsohn (2008, p. 26), trata-se do "próprio modo de se expressar das pessoas que pertencem a esse universo, por se autodenominarem brincantes e utilizarem expressões como 'vamos brincar Cavalo Marinho'". Essa identidade é profundamente performativa — e foi vivida por Paulo Cavalcante não apenas em sua produção artística, mas em seu modo de estar no mundo.

PC foi brincante no cotidiano, com sua presença vibrante: roupas muito coloridas, perfumes marcantes, voz alta, conversa espontânea e expressiva. E foi brincante também na arte: nas pinturas, na música, na literatura. Seu gesto criador era lúdico, livre e atravessado por referências da cultura popular nordestina, que habitava suas obras e seu imaginário com naturalidade e potência.

O brincante, nesse contexto, não atua apenas como artista ou intérprete, mas convoca o público a participar do jogo simbólico da cultura. Ele rompe a distância entre quem assiste e quem atua, transformando espectadores em participantes — cocriadores de sentido, mesmo quando a obra é visual e aparentemente estática. No campo das artes visuais, essa convocação se dá no olhar: na forma como o público lê e interpreta o que está sendo apresentado, nos signos visuais, nas cores, nos materiais, nas composições e iconografias que se revelam ao observador.

Um conjunto significativo de obras de Paulo apresenta forte vínculo com a cultura popular — tanto no aspecto visual e temático, quanto no caráter simbólico e narrativo. Foi esse conjunto, aliado à sua personalidade exuberante e à sua trajetória de vida, que nos levou a adotar o termo artista brincante como parte essencial de sua identidade e, por isso, como subtítulo desta exposição e deste catálogo. Brasília é uma cidade marcada pela diversidade de origens e trajetórias. Como ponto de encontro de migrantes de todas as regiões do país, abriga um número expressivo de artistas visuais que incorporam em suas obras as referências culturais de suas terras natais. Muitos dos que produziram — e ainda produzem — nas paisagens do Distrito Federal não nasceram aqui, mas encontraram na cidade um espaço fértil para criação e reinvenção de suas identidades.

Na cena contemporânea, observa-se o surgimento de uma nova geração de artistas que já possui uma identidade mais enraizada na capital — são artistas nascidos ou criados em Brasília, cuja produção carrega marcas locais e uma crescente consolidação de uma cultura própria, formada a partir da convivência entre tradições diversas. Ainda jovem em relação a outras capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, e muito mais jovem quando comparada a centros históricos internacionais como Roma ou Cairo, Brasília celebra seus 65 anos como uma cidade que começa a entender e afirmar suas singularidades culturais. Nesse contexto, Paulo Cavalcante se destacou por celebrar com orgulho a riqueza da cultura popular nordestina, não apenas como herança pessoal, mas

LEWINSOHN, Ana Caldas (2007). Imprevisto na rua: A figura do mateus na brincadeira do cavalo marinho. In Bião, A (Ed). Anais do V Colóquio Internacional de Etnocenologia (pp. 21-29). Salvador

também como uma força viva refletida na comunidade de nordestinos que reside em Brasília e em sua região metropolitana. Sua arte partia da experiência vivida, do afeto e da memória, com forte ligação à oralidade, à tradição popular e às vozes daqueles que, por vezes, não passaram pelos espaços formais de letramento. Como nos lembra Silva (2023), a cultura letrada ocupa historicamente um lugar de poder, o que muitas vezes marginaliza saberes transmitidos pela fala, pela experiência e pelo cotidiano. A produção artística de PC se insere justamente nesse campo: valorizando os modos de expressão que escapam ao dicionário formal, moldados por sotaques, histórias de vida, simplicidade e sabedoria popular. Sua obra, assim, é um gesto de reconhecimento e de pertencimento a um Brasil profundo, onde a cultura nasce do chão e se expressa com verdade.

Nesse mesmo alinhamento, a documentação da trajetória artística de Paulo Cavalcante revela lacunas significativas, que ainda podem — e devem — ser preenchidas por meio de pesquisa e de uma atenção cuidadosa à escrita e reescrita de sua historiografia, tanto nas artes visuais quanto nas demais linguagens com as quais trabalhou. A trajetória de PC é exemplo de como a produção artística popular pode escapar dos registros oficiais, exigindo abordagens que valorizem a oralidade, a memória e os afetos como fontes legítimas de conhecimento.

O historiador Roger Chartier, especialista em história da leitura e da cultura, propõe dois modelos interpretativos para a noção de cultura popular. No primeiro, como forma de combater o etnocentrismo, ele concebe a cultura popular como um sistema simbólico autônomo e coerente, que opera de maneira independente e com lógica própria — distinta da cultura letrada. Já no segundo modelo, ele enfatiza que não se pode ignorar as relações de dominação que estruturam o mundo social, entendendo a cultura popular em suas dependências, exclusões e carências em relação à cultura dominante. Como sintetiza Chartier:

> *"Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente; e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada."* (Chartier, 1995, p. 1)

O pensador Néstor García Canclini faz observações complementares, sugerindo que essas visões não são excludentes, mas coexistentes. Para ele, o conceito de popular muitas vezes está associado ao que é pré-moderno ou subsidiário, ainda que siga em diálogo com o contemporâneo e com as dinâmicas culturais em transformação: "O popular costuma ser associado ao pré-moderno e ao subsidiário." (Canclini, 2019, p. 205) No caso de Paulo Cavalcante, sua produção se insere nesse campo tensionado entre autonomia simbólica e exclusão institucional. Seu trabalho evoca a cultura popular como experiência viva, coletiva e plural, mas também denuncia, com sua ausência nos circuitos legitimados, os limites ainda impostos ao reconhecimento da arte que nasce fora dos centros hegemônicos.
Canclini (2019, p. 205) reforça que o popular, nessa história, é frequentemente o excluído: são aqueles que não possuem patrimônio reconhecido ou que não conseguem legitimá-lo; os artesãos que não chegam a ser considerados artistas; os que não se individualizam nem participam do mercado de bens simbólicos "legítimos"; os espectadores dos meios de comunicação de massa que ficam à margem das universidades e museus, "incapazes" — aos olhos do

sistema — de acessar a alta cultura por desconhecerem a história de seus saberes e estilos.

É nesse movimento de exclusão que muitas vezes o artista popular é afastado do mercado e do sistema de arte, das galerias e dos museus. Cria-se uma separação entre aquilo que é considerado inovador ou digno de prestígio e aquilo que é visto como comum, repetitivo ou tradicional. Como observa Chartier, "o destino historiográfico da cultura popular é, portanto, ser sempre abafada, recalcada, arrasada, e, ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas" (1995, p. 3).

Essa reflexão encontra eco direto na prática artística de Paulo Cavalcante, que recuperava em sua produção memórias da infância, vivências com os avós, histórias, causos e imagens populares — e as transformava em expressão artística. Sua obra pode ser compreendida como um desses renascimentos: o gesto de fazer da memória um campo de criação e resistência.

O renascer da cultura popular, nesse contexto, está muitas vezes ligado à escassez e ao menor acesso a recursos ou espaços legitimados. Ainda assim, sobrevive — porque é caro a uma parcela da sociedade, e porque há quem a sustente com afeto, saber e prática. Essa postura de Paulo também dialoga com Canclini (2019, p. 217), quando afirma que

> *"todos esses usos da cultura tradicional seriam impossíveis sem um fenômeno básico: a continuidade da produção de artesãos, músicos, bailarinos e poetas populares, interessados em manter sua herança e em renová-la."*

Nesse sentido, o fazer de PC é, em si, uma expressão de continuidade: o desejo de preservar e transformar um saber popular que ultrapassa o domínio do conhecimento técnico — é também prática, memória e vivência. Sua arte, assim, não apenas resgata tradições, mas as renova e compartilha, tornando-as acessíveis e vivas.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Trad. Anne-Marie Milon Oliveira. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

SILVA, Pedro Rodrigues Pereira da. Reflexões sobre o Popular no Contexto do Grupo Mamulengo de Cheiroso de Teatro de Bonecos. Revista Brasileira Estudos da Presença, Porto Alegre, v.13, n.4, e129868, 2023. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/2237-2660129868vs01

é de Recife / essa ciranda cantei em Maceió. Esse meu jeito meio inibido aprendi contigo que saudade é que só

BRASÍLIA

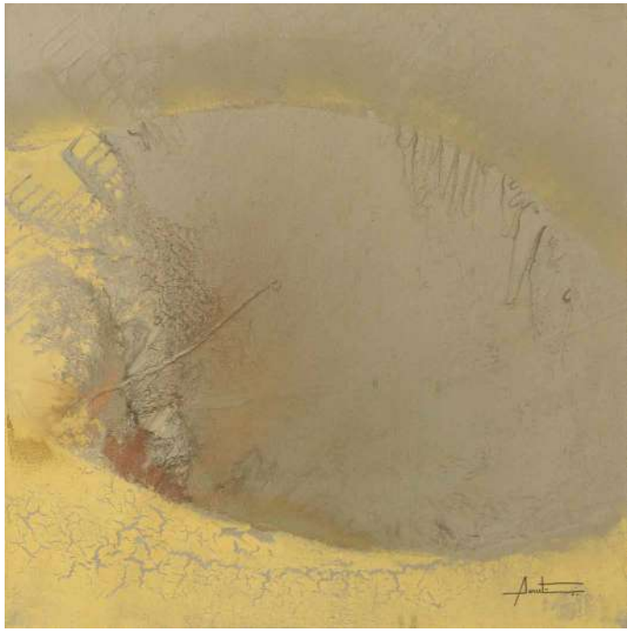
Dois Candangos,
2015
Óleo sobre tela
55 x 38 cm
Coleção Edilane Oliveira
Fotografia: Thiago Maia

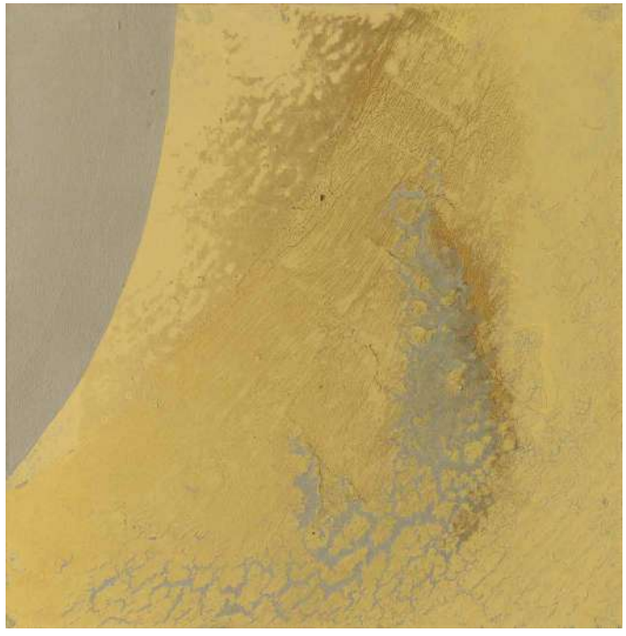
Sem título,
2015
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Marco Aurélio dos Santos
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2015
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Marco Aurélio dos Santos
Fotografia: Thiago Maia

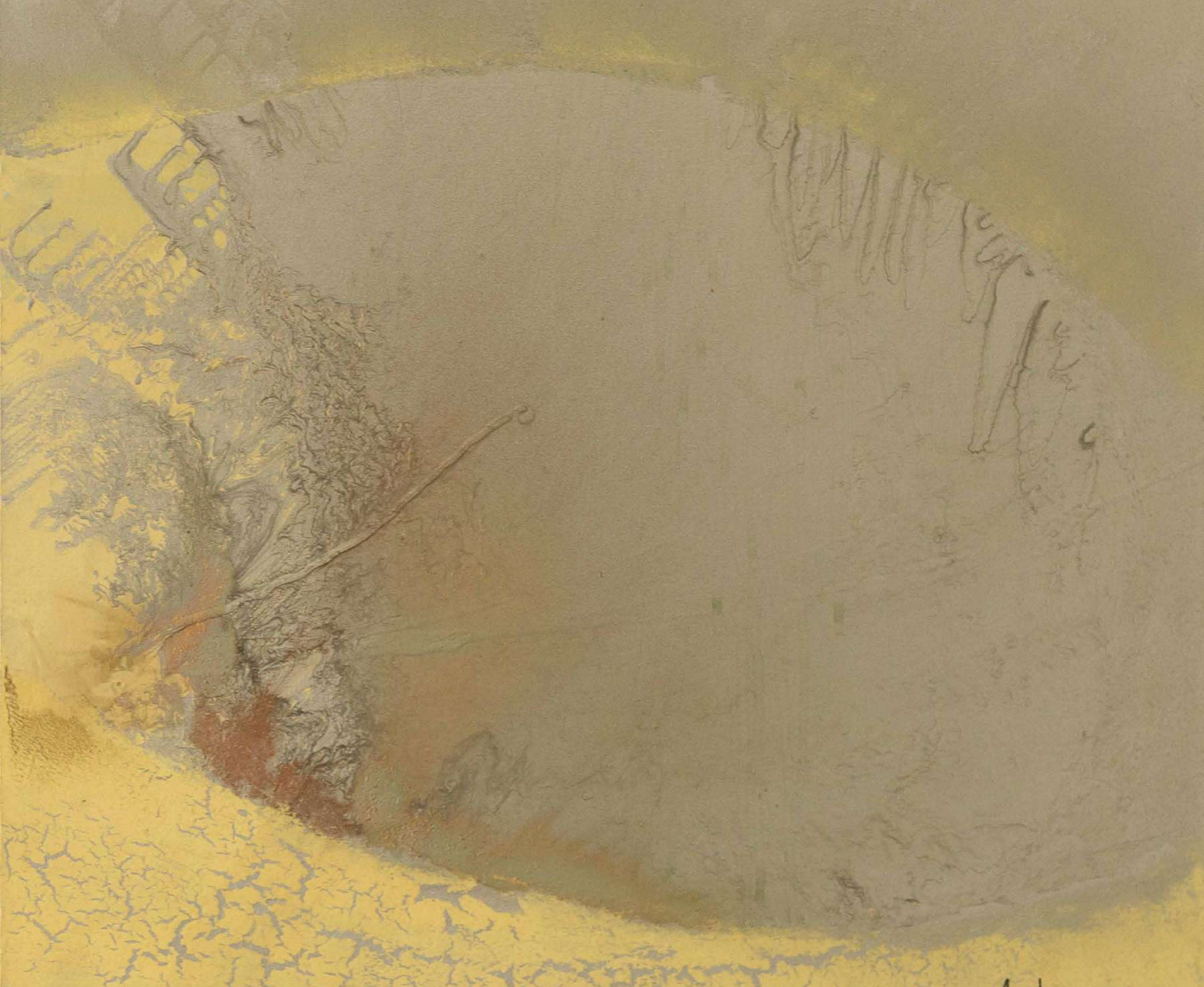
ABSTRATOS

Sem título,
1990
Técnica Mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia





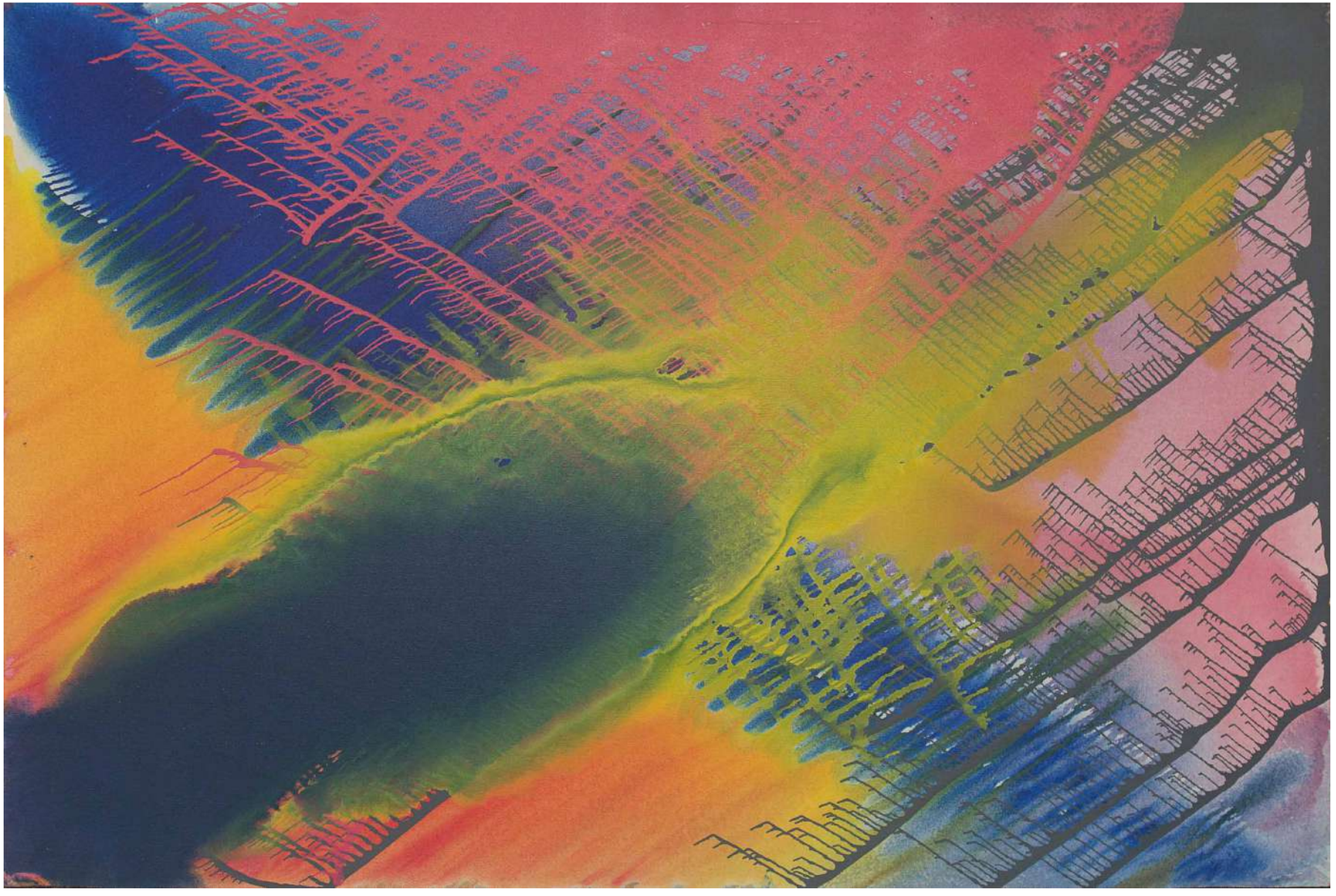
Sem título (díptico)
1990
Técnica mista sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



O Quintal,
1993
Óleo sobre tela
62,5 x 62,5 cm
Coleção Osmane Bonincontro
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2000
Técnica Mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
1990
Óleo sobre tela
80 x 120 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

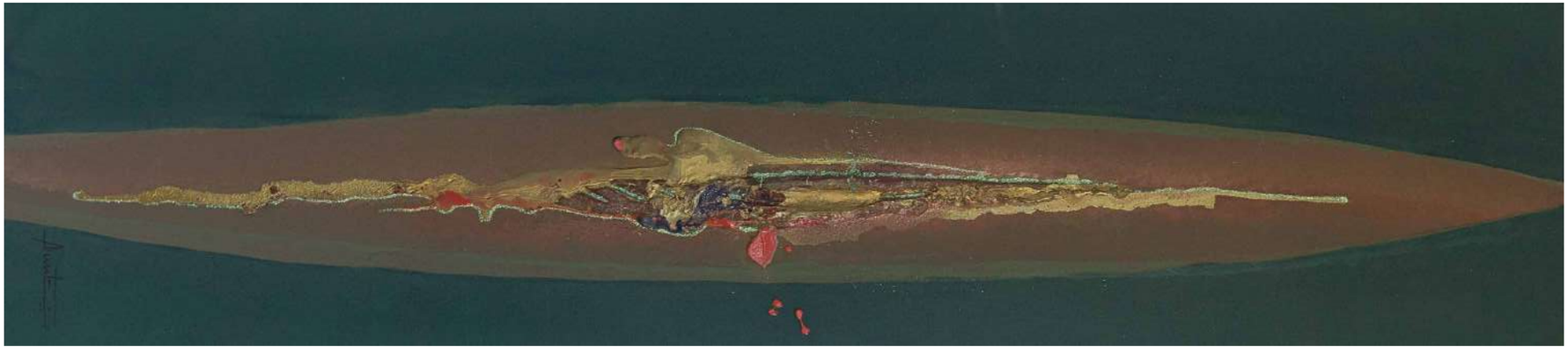


Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela
50 x 90 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

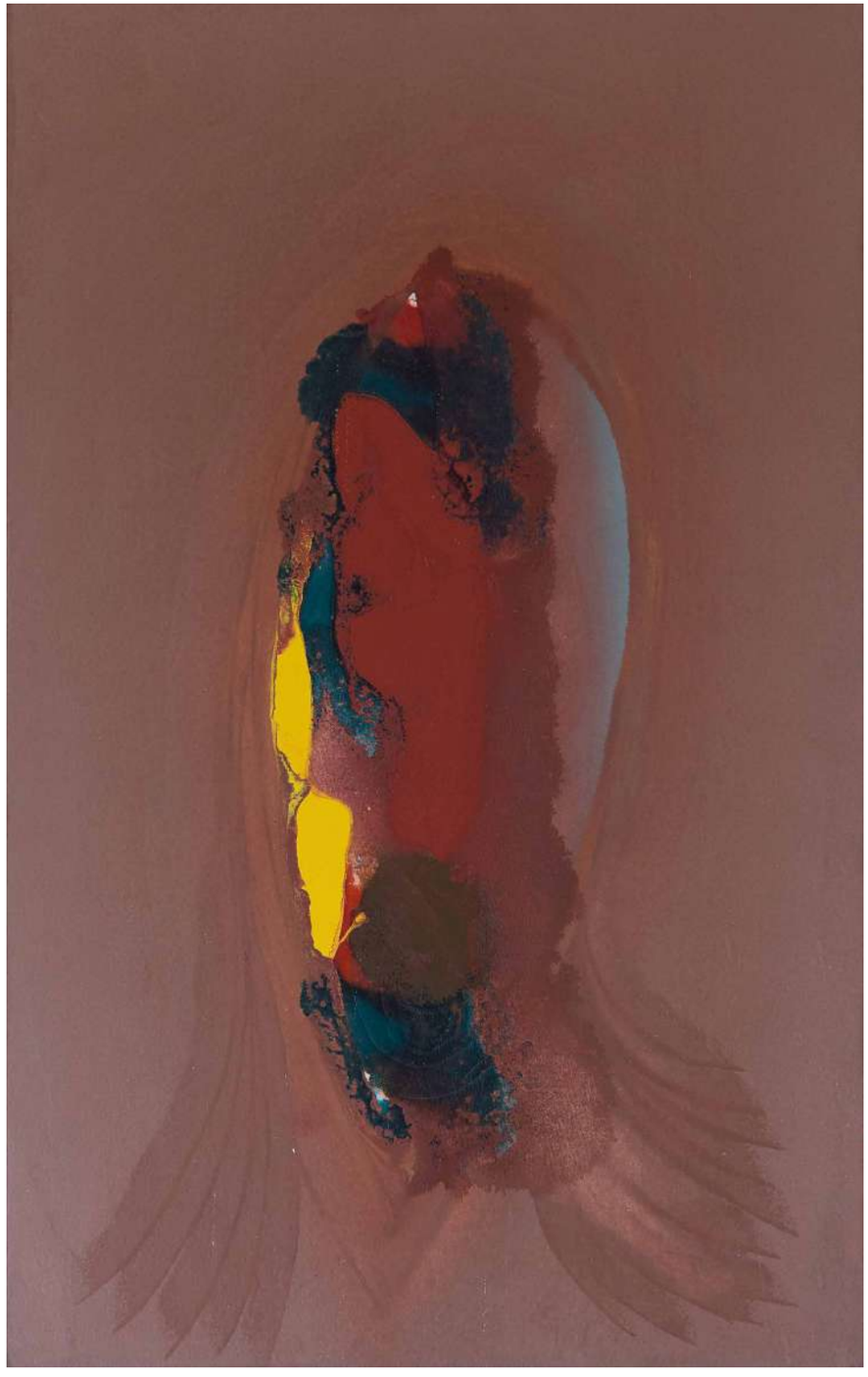
Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela 70 x 120 cm
Coleção Lucas Triolo Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Ana Carolina Soares
Fotografia: Thiago Maia

A. Cuite

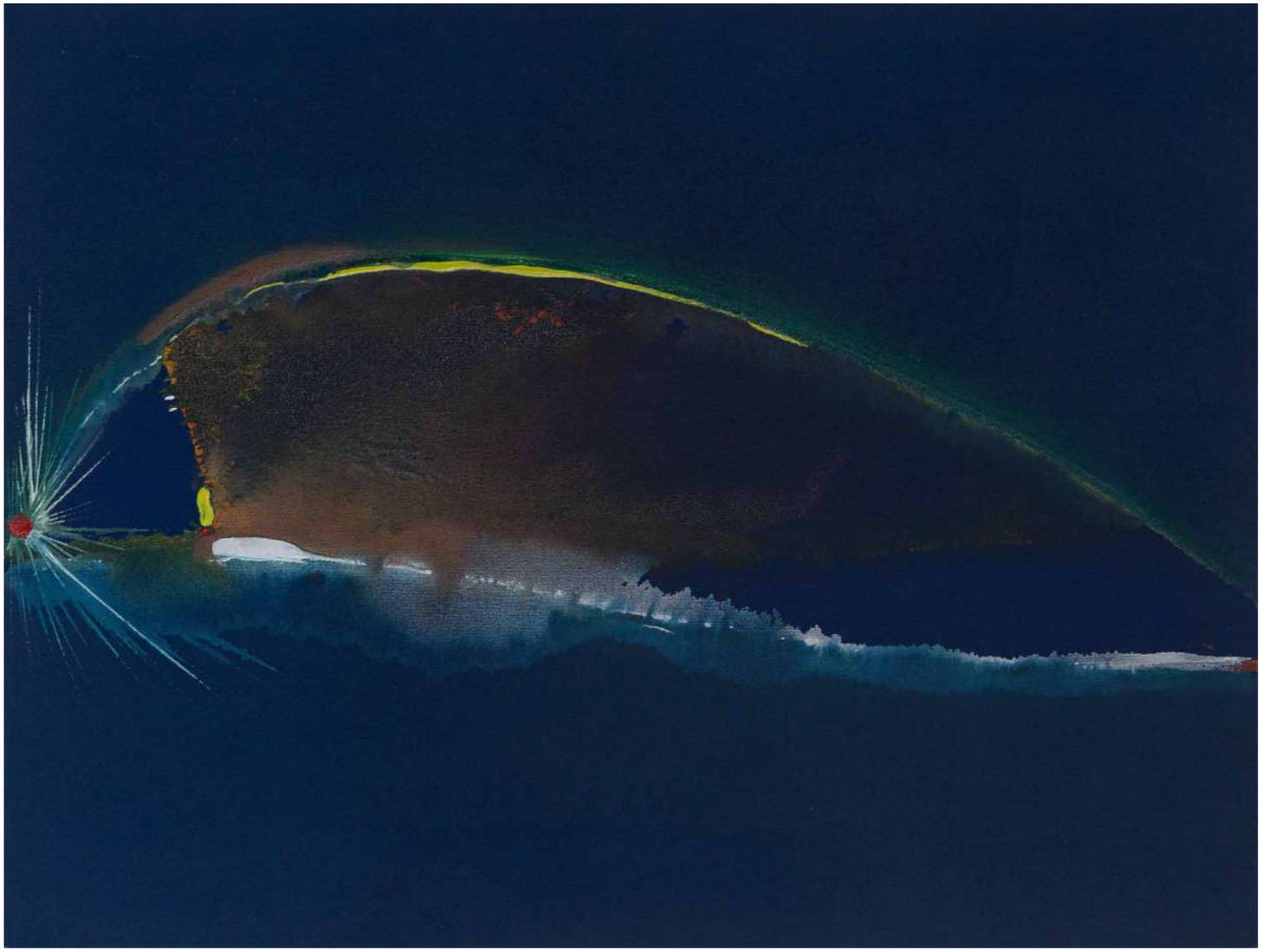


Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela
109 x 25 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

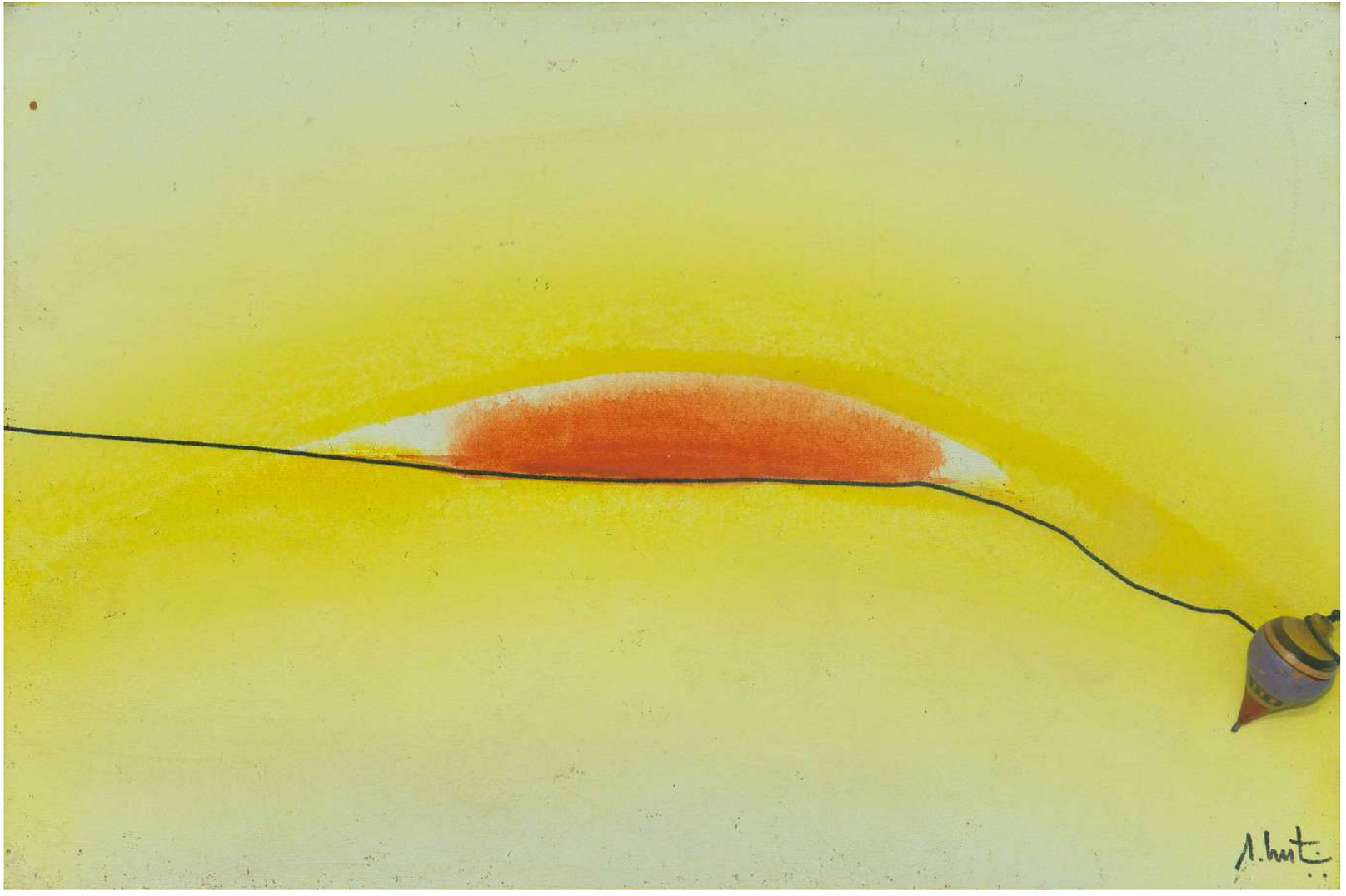


Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela
60 x 90 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

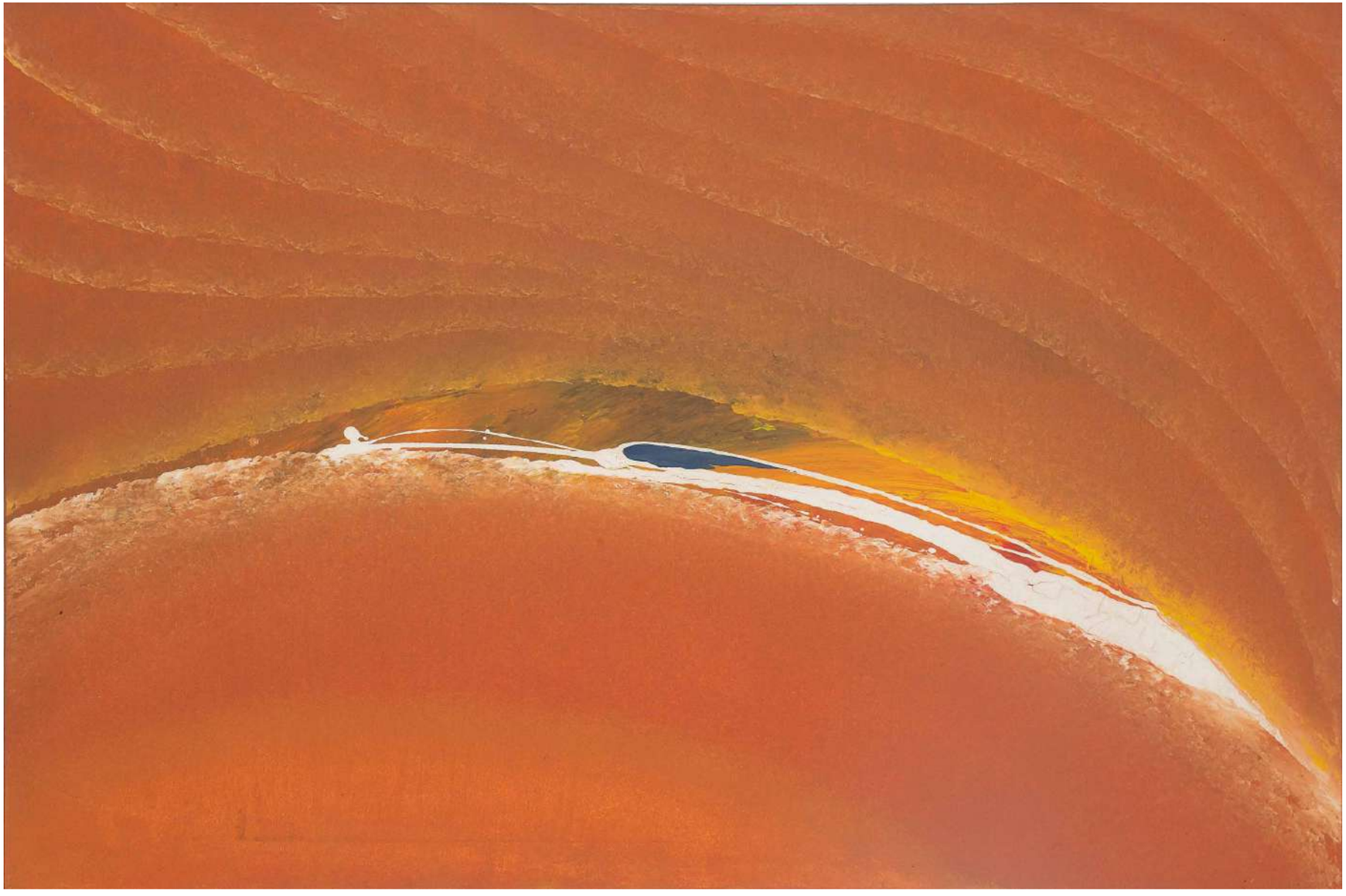
Sem título,
2000
Óleo sobre tela
80 x 60 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
2000
Técnica mista sobre tela
40 x 60 cm
Coleção Vilma Cristina Xavier Santos
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
2000
Óleo sobre tela
80 x 120 cm
Coleção Vilma Cristina Xavier Santos
Fotografia: Thiago Maia

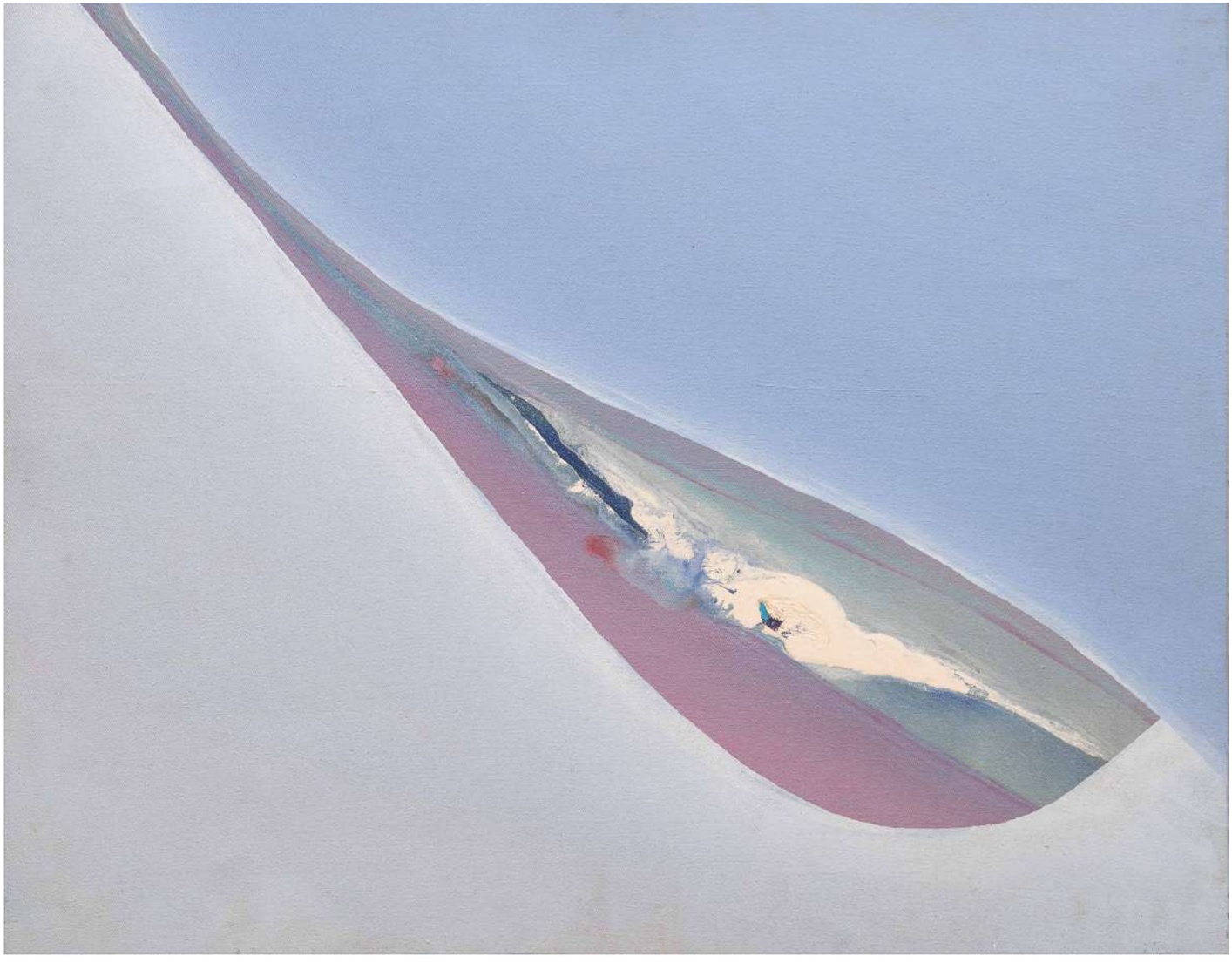


Sem título (díptico),
2000
Acrílica sobre tela
36 x 25 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

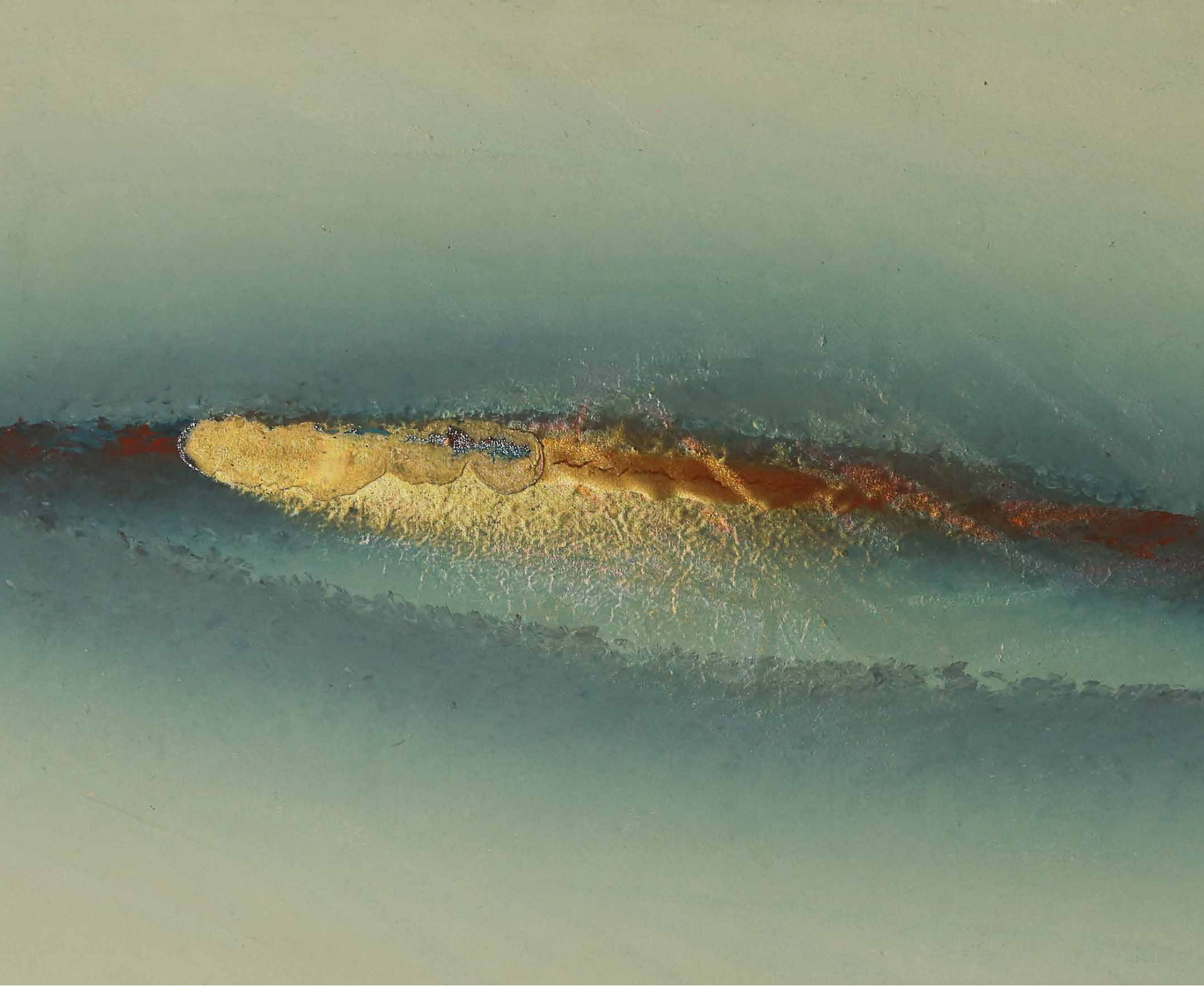
Sem título,
2002
Técnica mista sobre tela
166 x 220 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

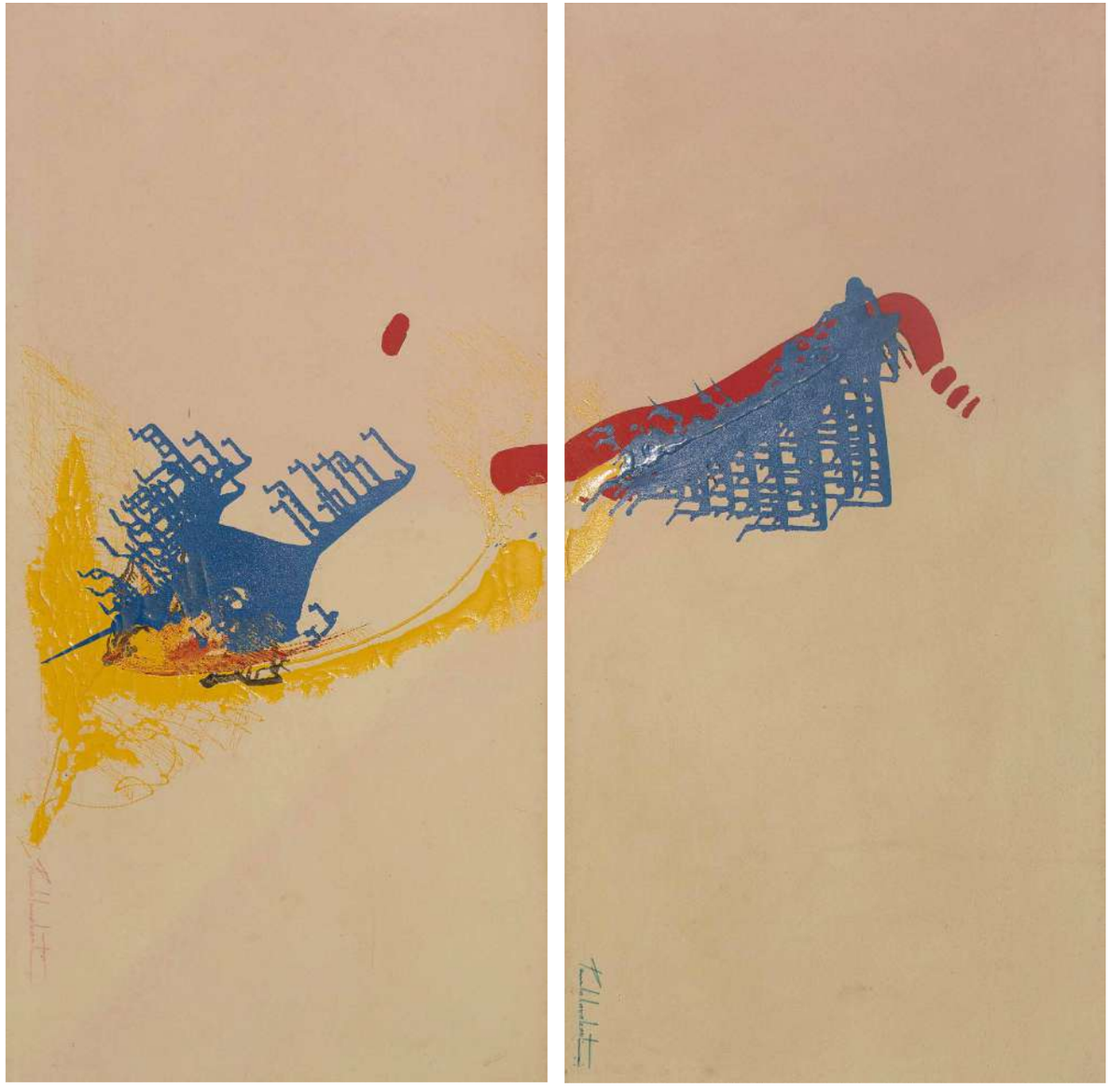
Sem título,
2004
Óleo sobre tela
60 x 40 cm
Coleção Roberto Moura Martinez
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2015
Óleo sobre tela
70 x 55 cm
Coleção Gilda dos Santos
Fotografia: Thiago Maia

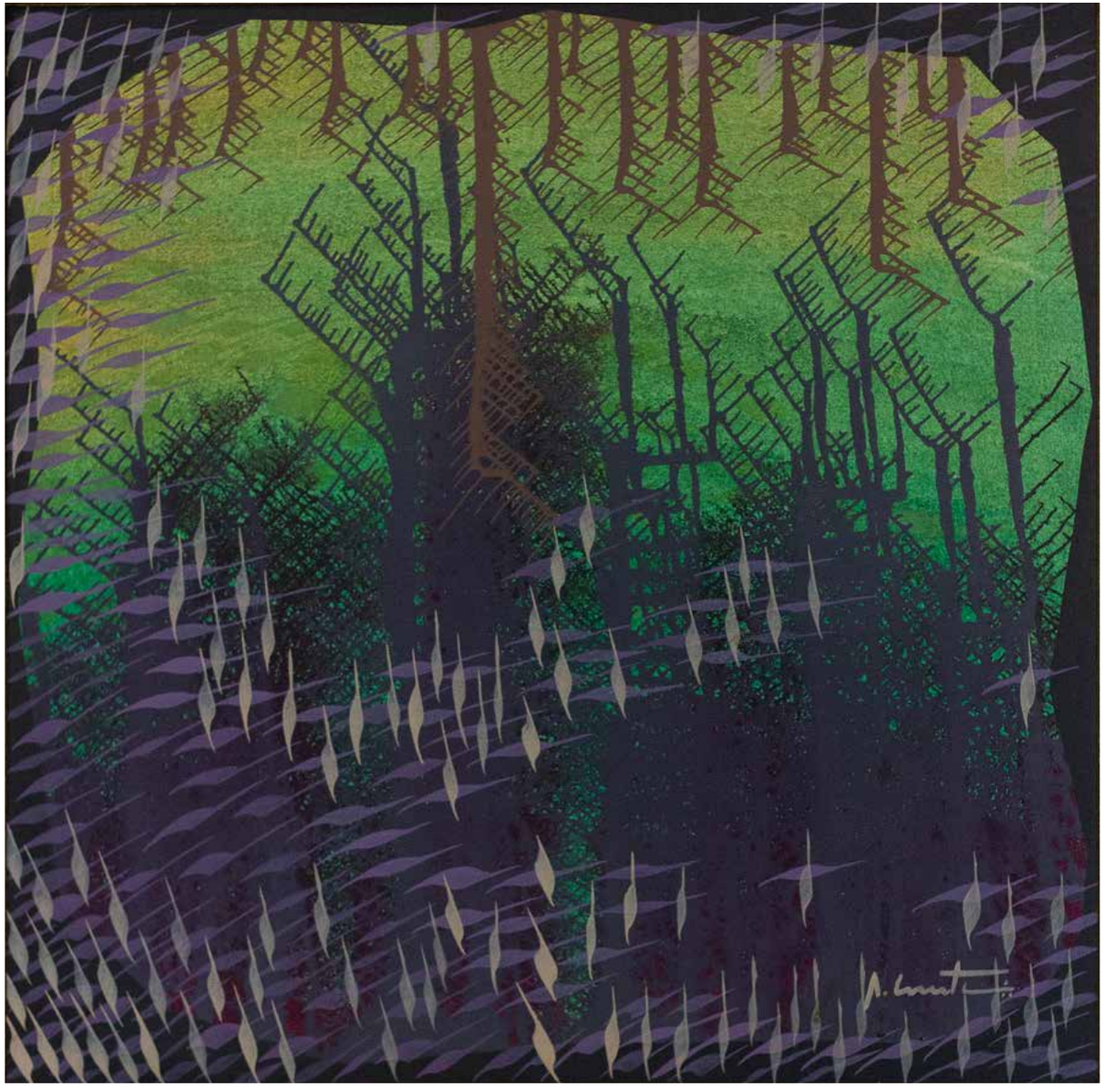


Sem título,
2000
Acrílica sobre tela
80 x 40 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



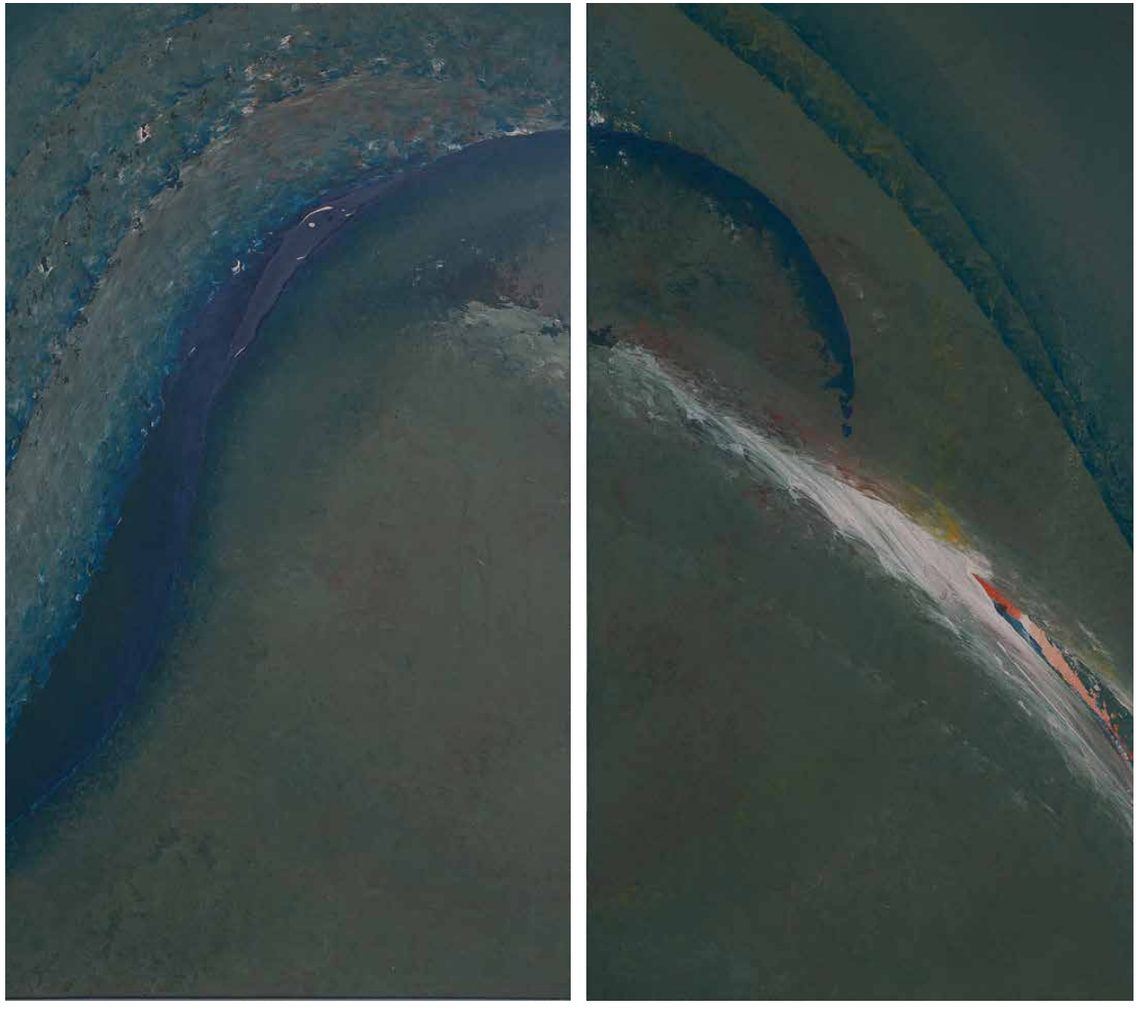


Sem título (díptico),
2000
Óleo sobre tela
120 x 60 cm
Coleção Vilma Cristina Xavier Santos
Fotografia: Thiago Maia

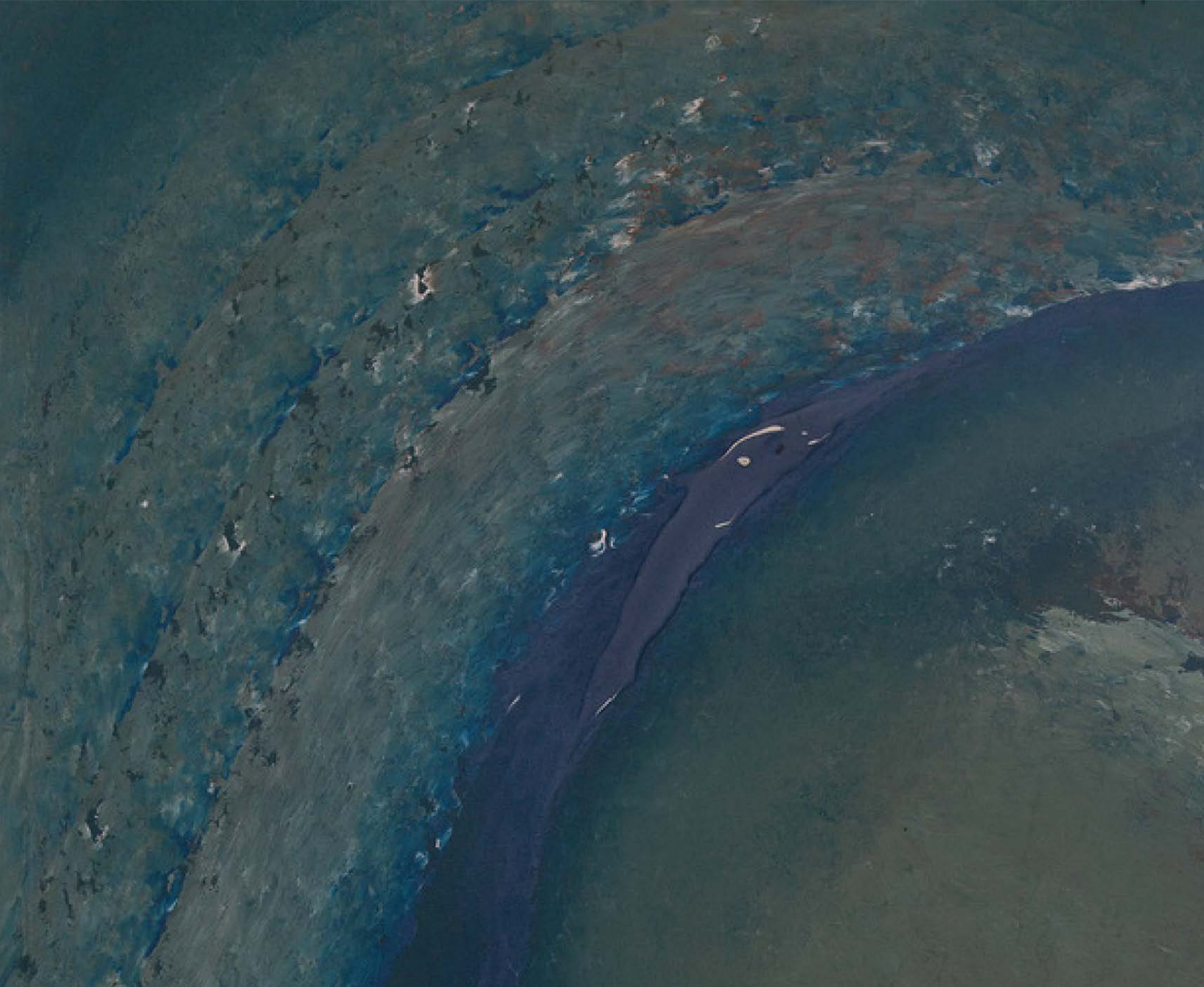


Sem título,
1993
Óleo sobre tela
62,5 x 62,5 cm
Coleção Cida d' Almeida
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2000
Óleo sobre tela
120 x 200 cm
Coleção Vilma Cristina Xavier
Santos Fotografia: Thiago Maia



Sem título (díptico),
2000
Acrílica sobre tela
60 x 100 cm
Coleção Vilma Cristina Xavier Santos
Fotografia: Thiago Maia

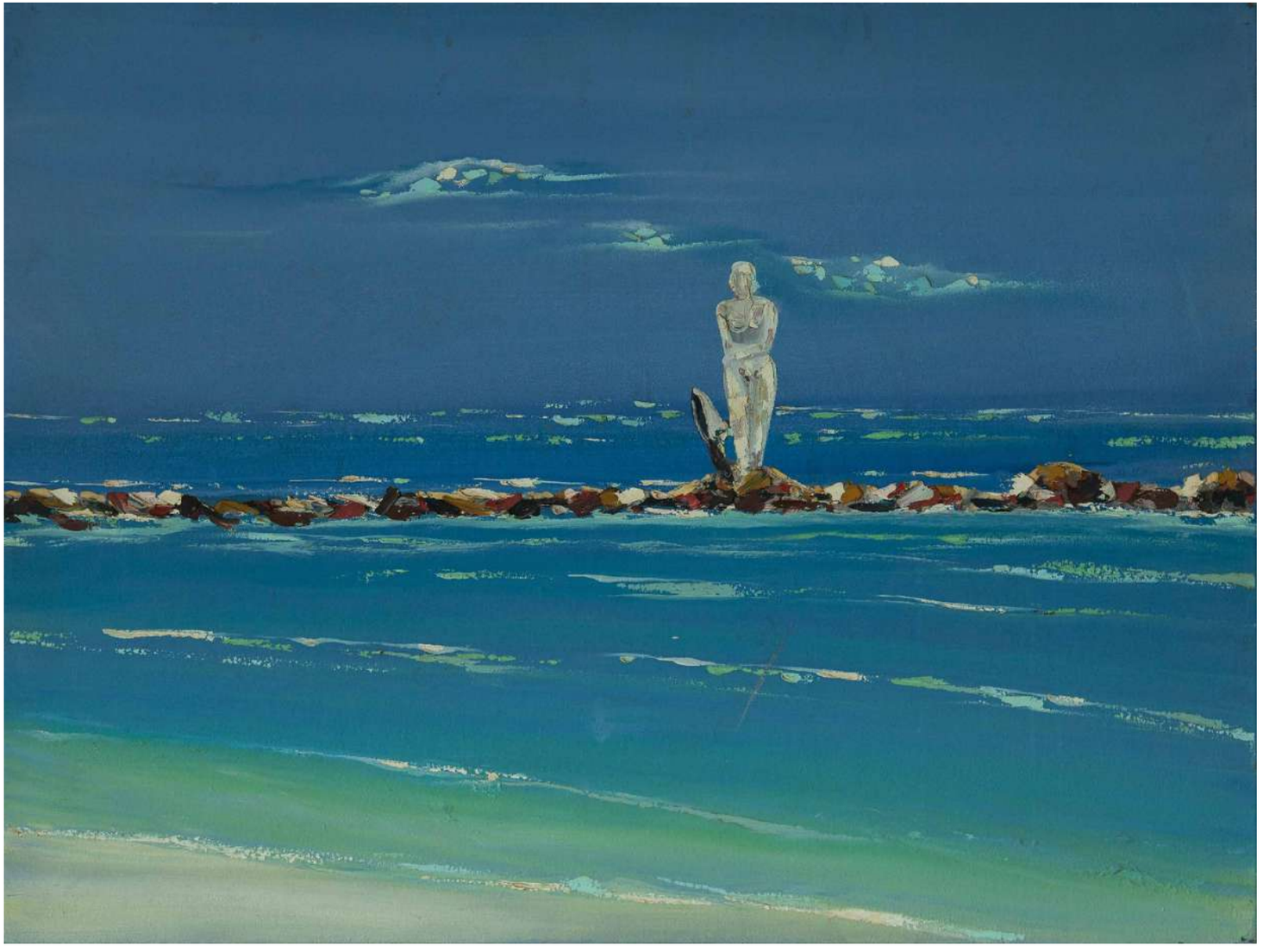


Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
50 × 50 cm
Coleção Alexandre Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

FIGURATIVO

Sem título,
2015
Óleo sobre tela
80 x 80 cm
Coleção Marco Aurélio Rodrigues dos Santos
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Óleo sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

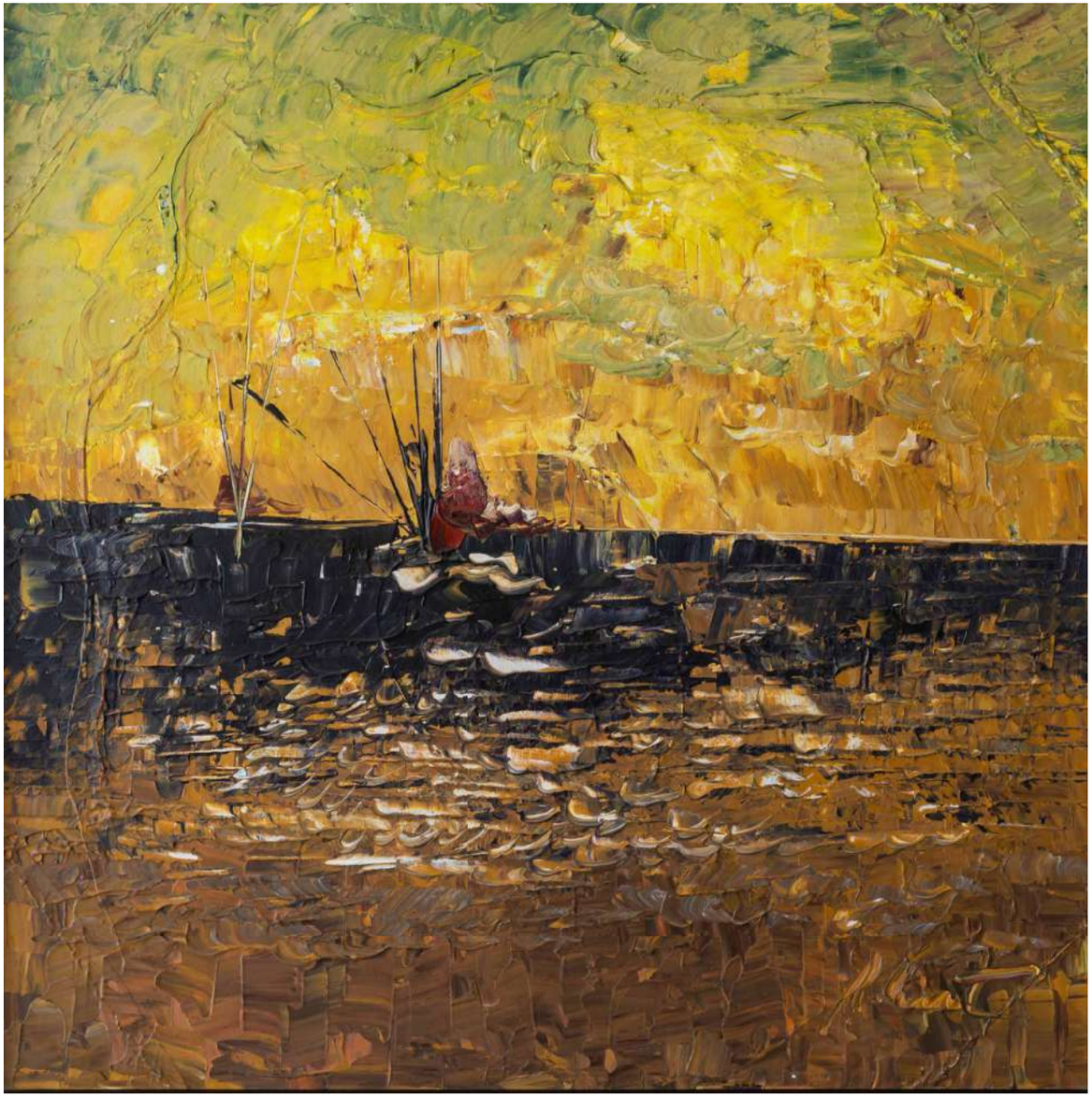


Sem título,
1990
Óleo sobre tela
48 x 40 cm
Coleção Osmane Bonincontro
Fotografia: Thiago Maia

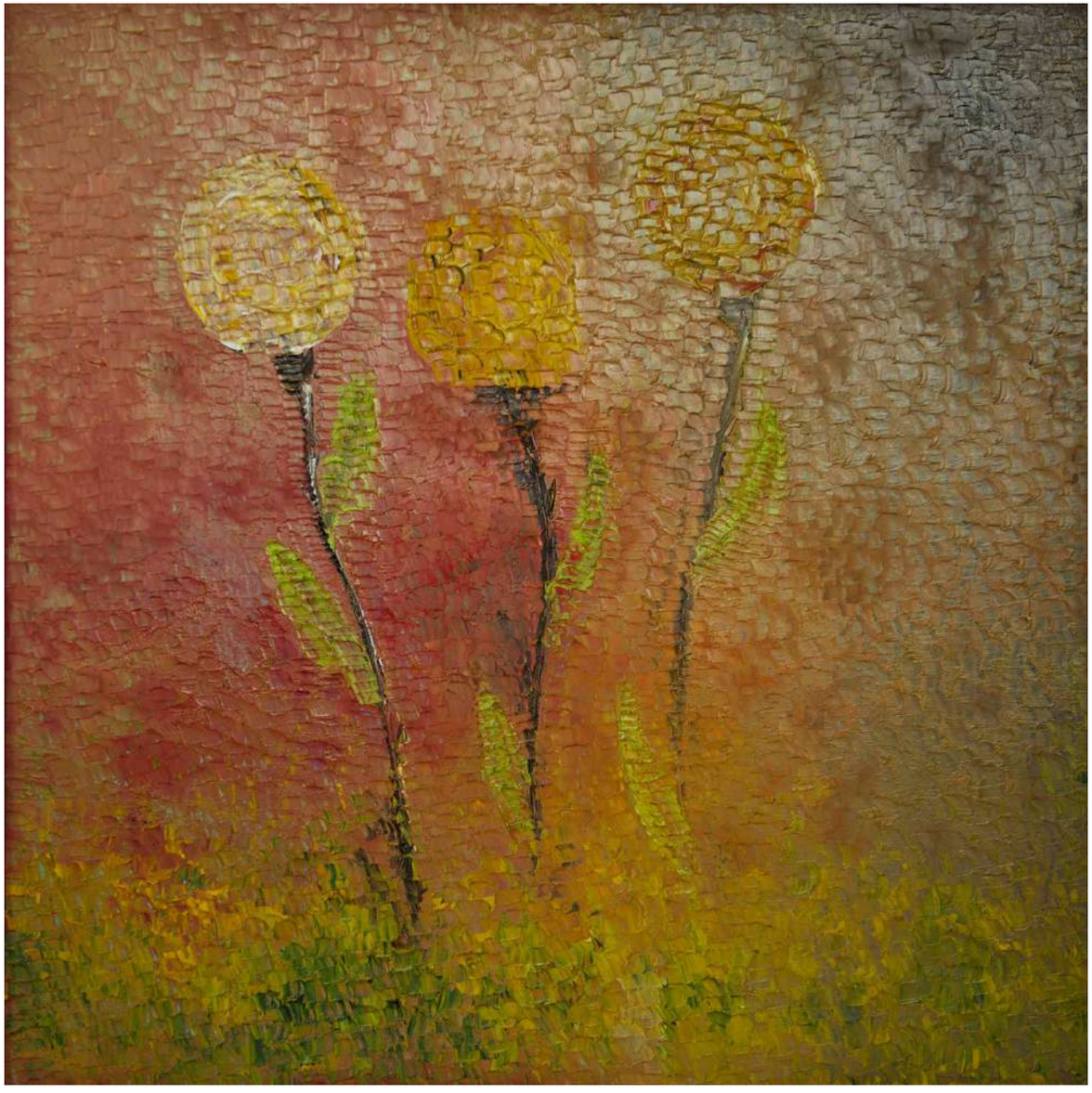
Sem título,
1990
Óleo sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
1990
Óleo sobre tela
57 x 66 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
1990
Óleo sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Marcos Vieira da Silva
Fotografia: Thiago Maia

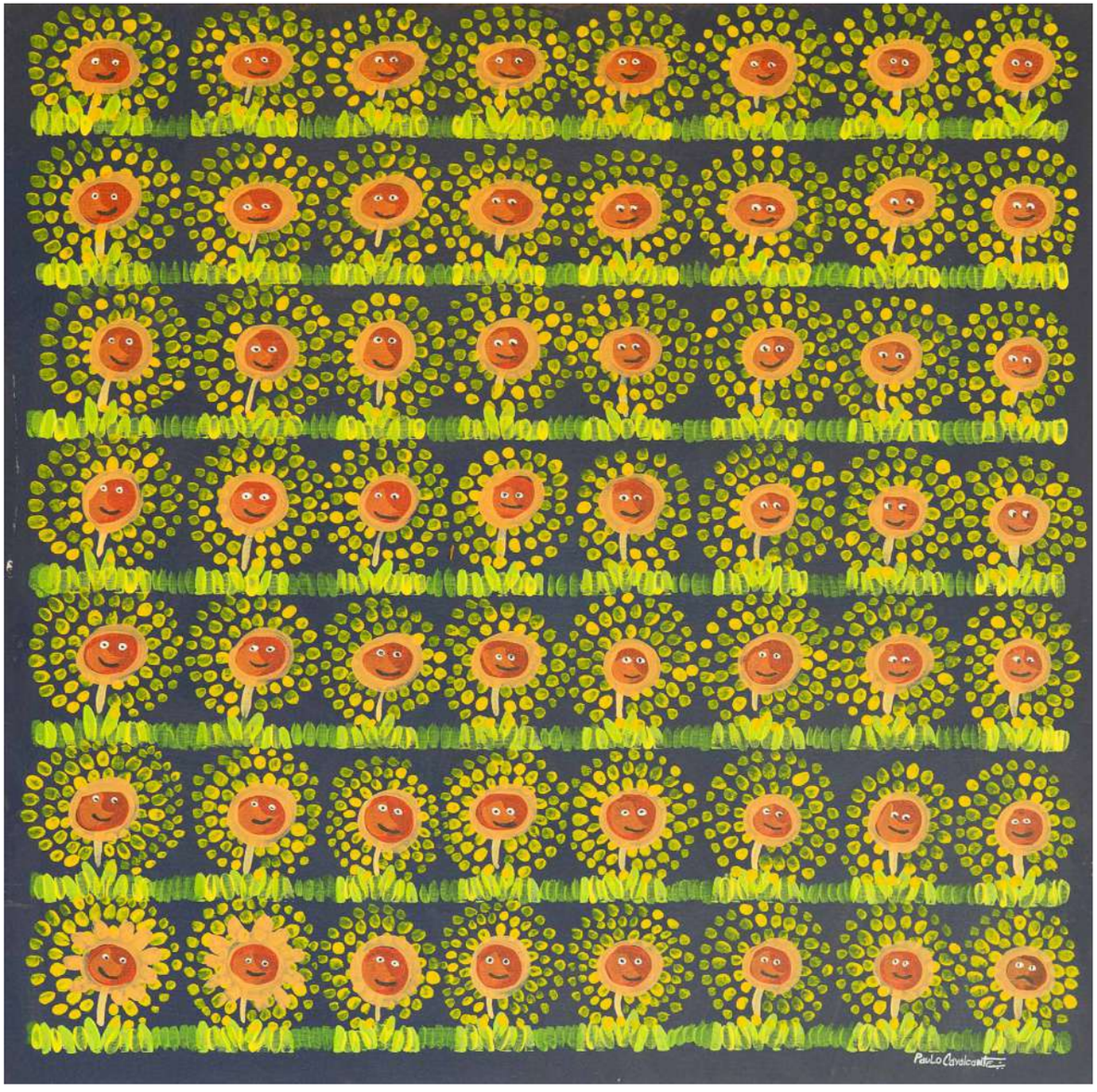


Sem título,
1990
Óleo sobre tela
51 x 51 cm
Coleção Zenildo da Silva Sarmento
Fotografia: Sarah Medeiros



Sem título,
sem data
Óleo sobre tela
52,5 x 52,5 cm
Coleção Patrícia Triolo
Fotografia: Ricardo Abreu

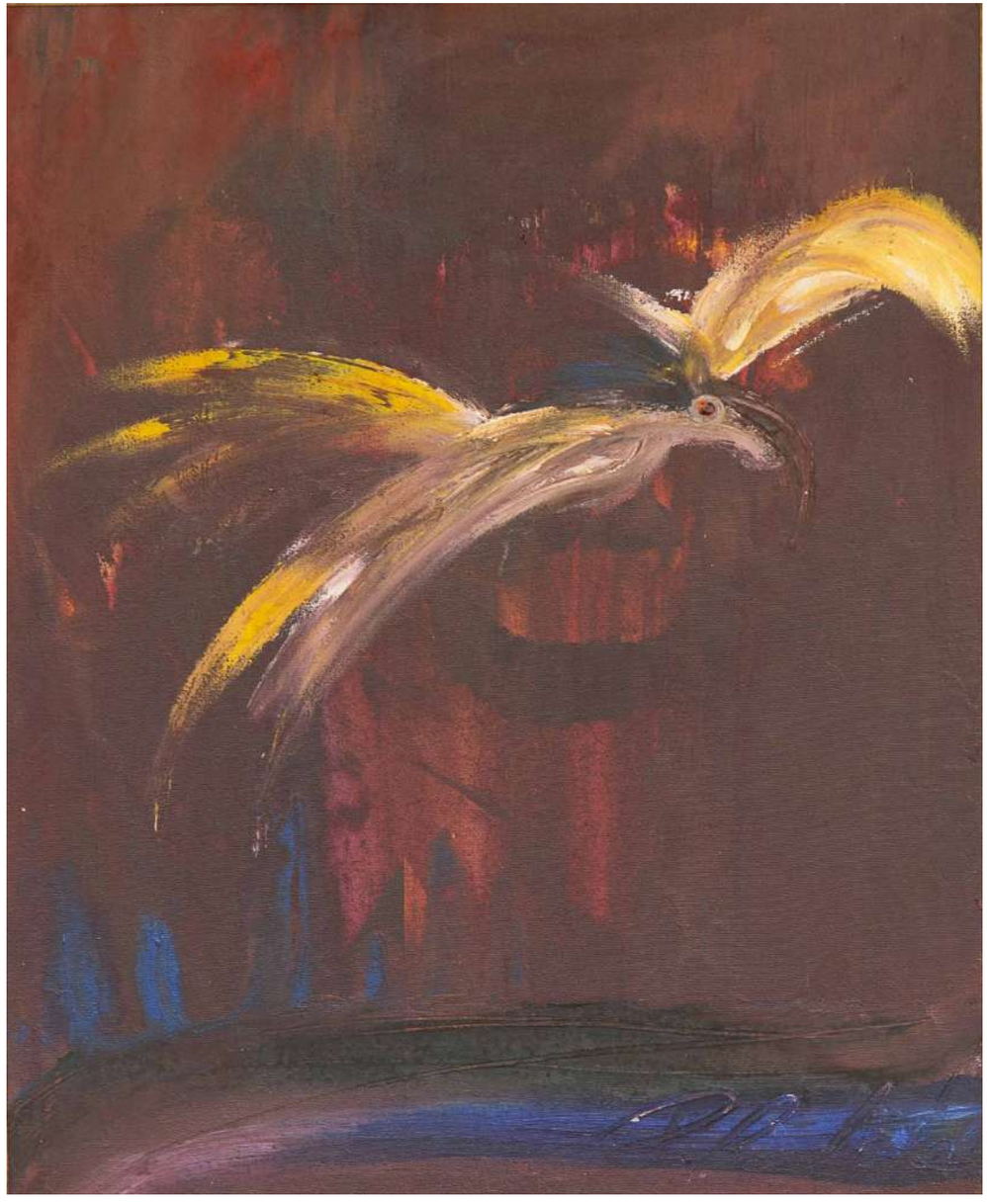
Sem título,
1990
Óleo sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
1990
Óleo sobre tela
80 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
1990
Óleo sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

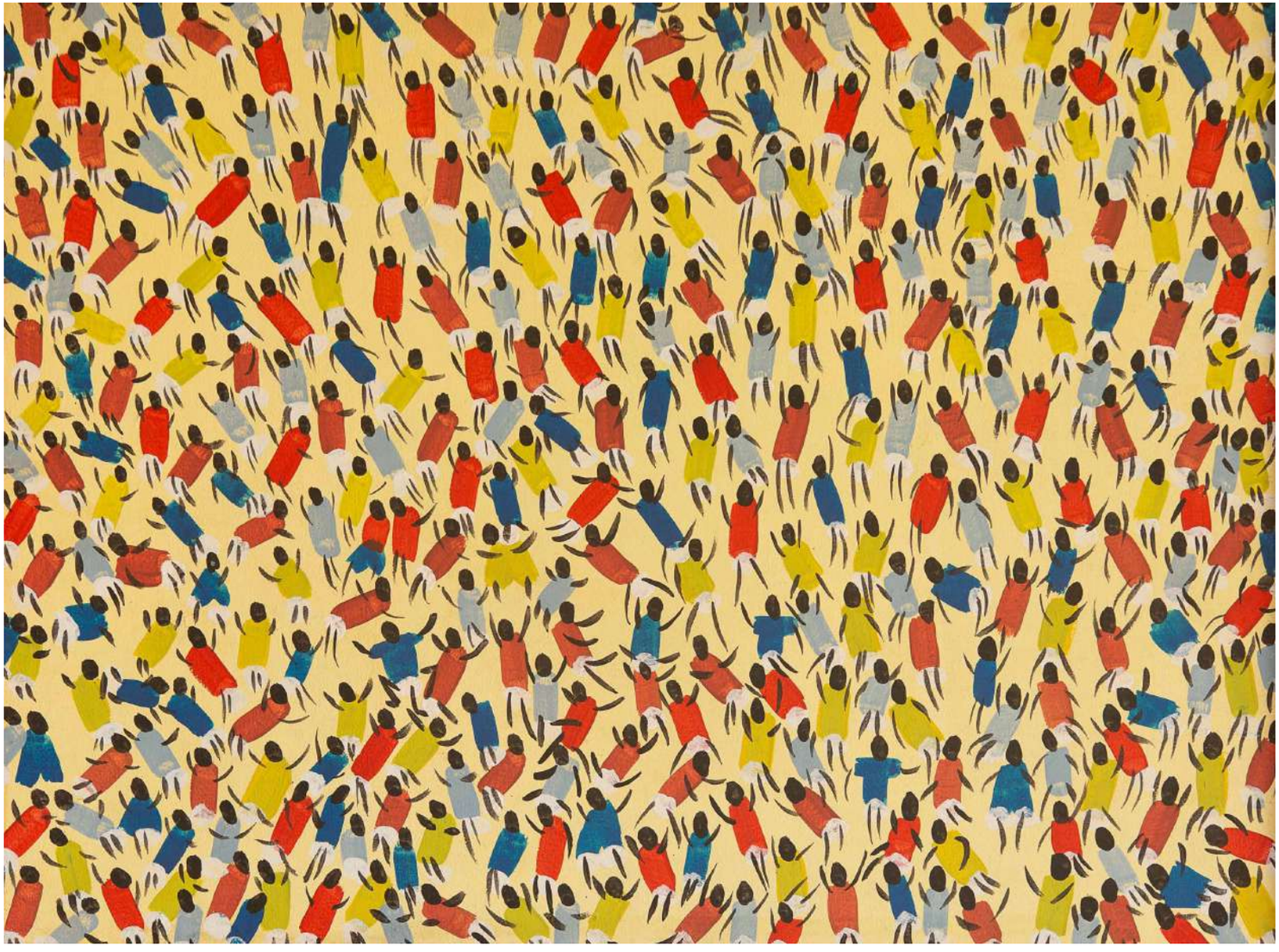
Sem título,
1990
Óleo sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
1990
Técnica mista sobre tela
57 x 49 cm
Coleção Ana Carolina Soares
Fotografia: Thiago Maia

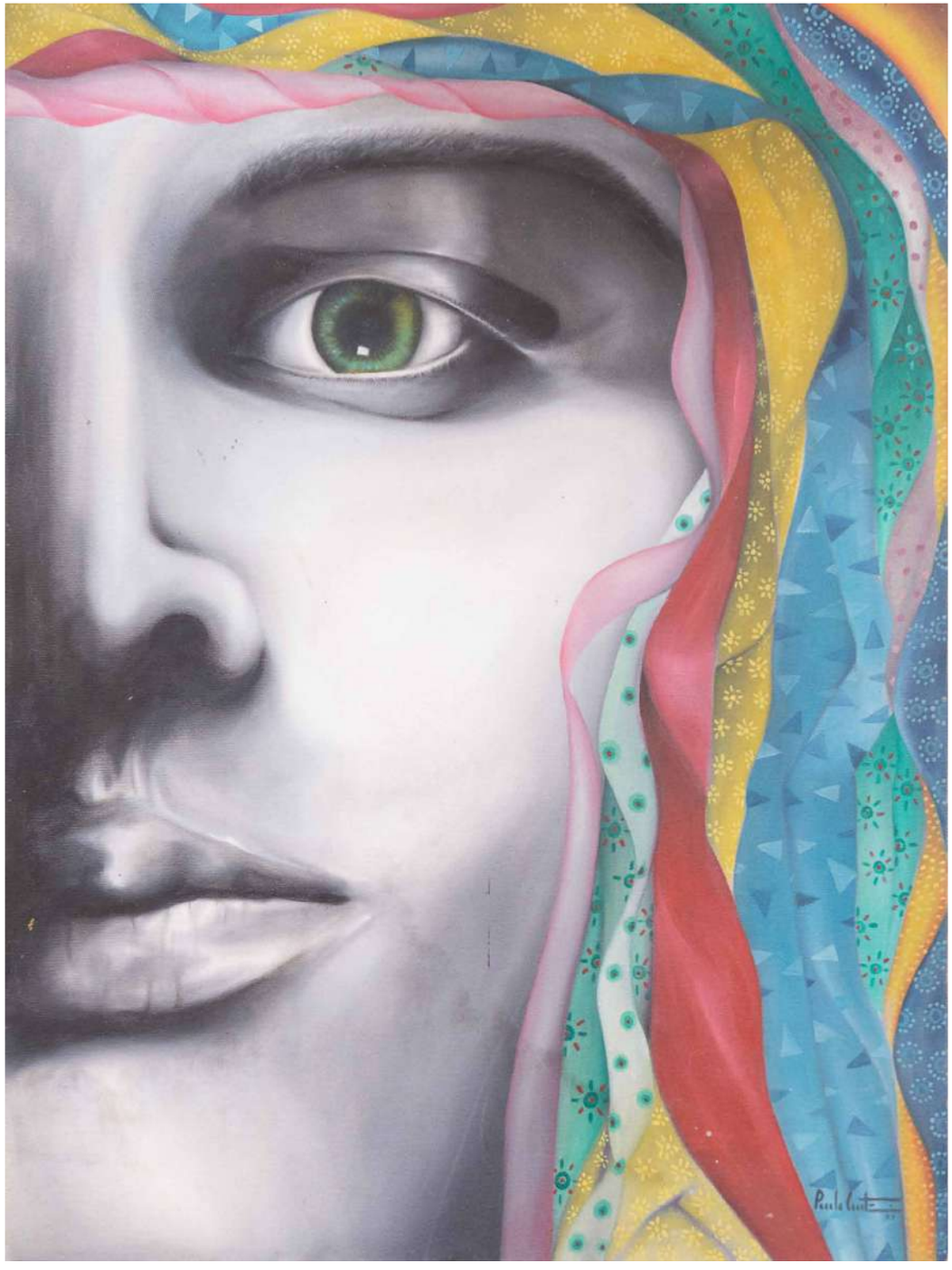
Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
40 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Óleo sobre tela
65 x 85 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
sem data
Tecnica mista sobre tela
48 x 62 cm
Coleção Patrícia Triolo
Fotografia: Ricardo Abreu

Sem título,
1990
Óleo sobre tela
55 x 38 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Sem título,
2000
Acrílica sobre tela
80 x 60 cm
Coleção Edilane Oliveira
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
1990
Acrílica sobre tela
47,5 x 68 cm
Coleção Marcelo Rodrigues dos Santos
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Óleo sobre tela
83 x 103 cm
Coleção Hayton Jurema da Rocha
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

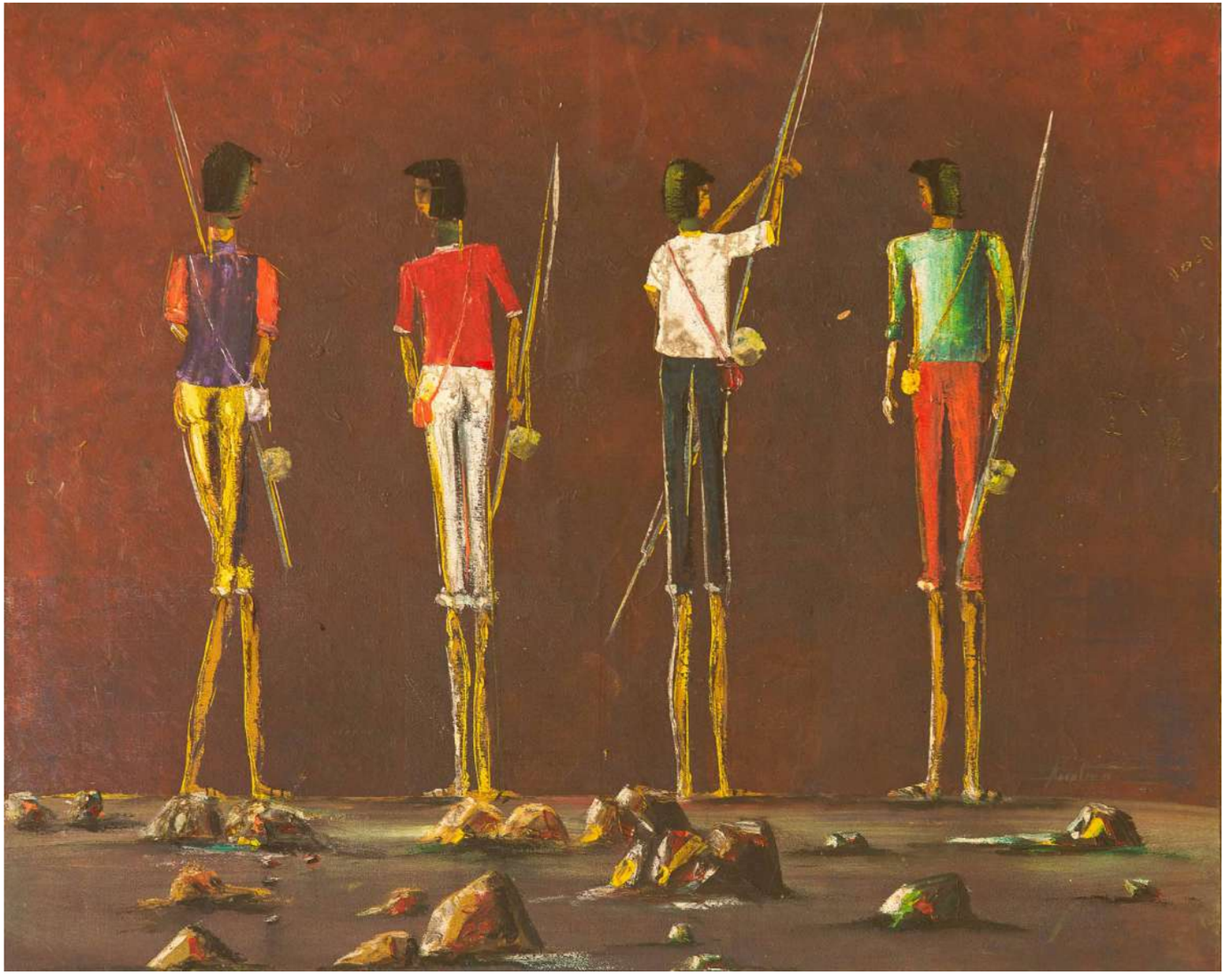
Sem título,
2008
Acrílica sobre tela
60 x 60 cm
Coleção Roberto Sakkis
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2020
Óleo sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Óleo sobre tela
55 x 65 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

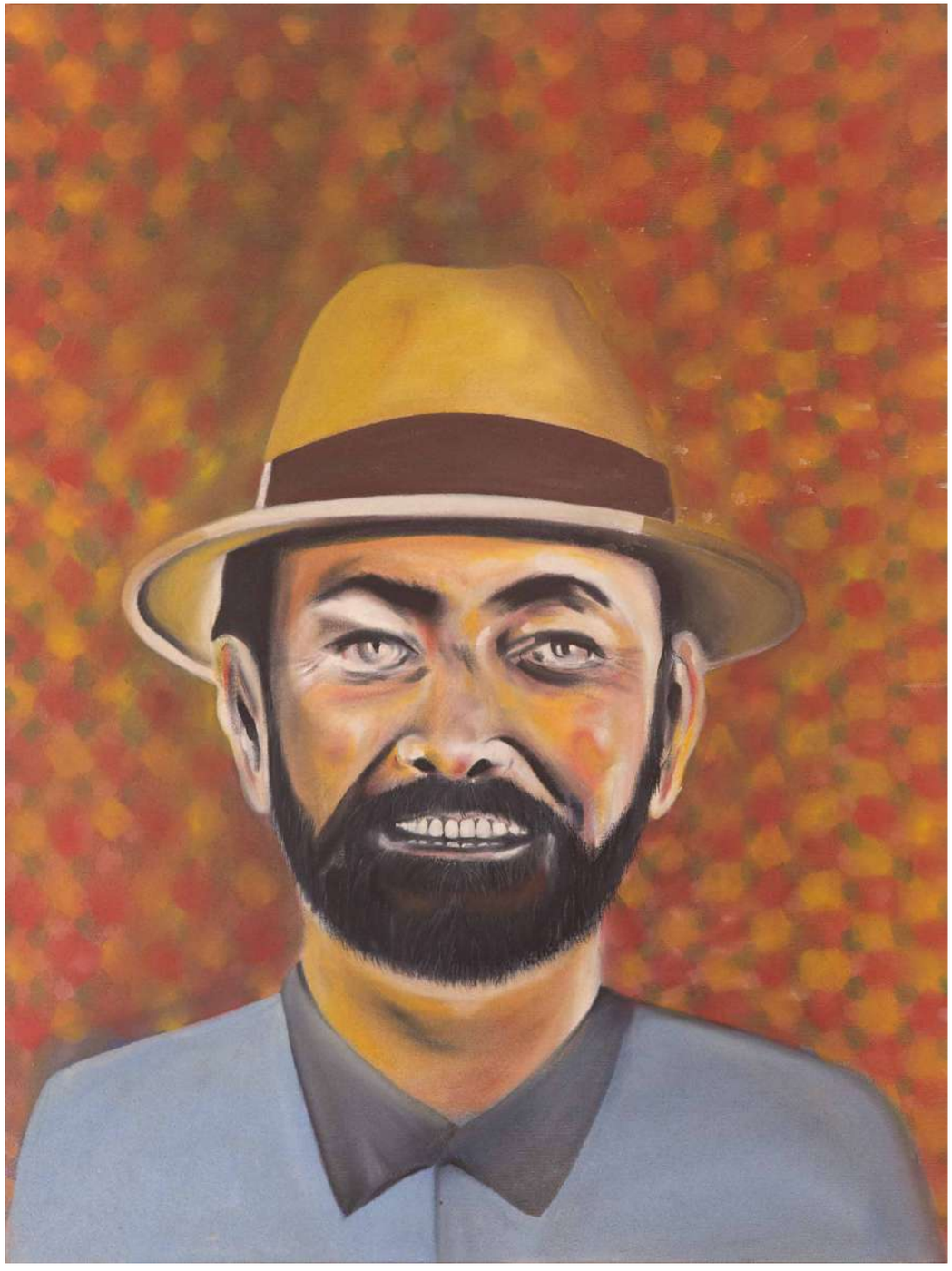
Lampião,
2008
Técnica mista sobre tela
100 x 100 cm
Coleção Edilane Oliveira
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
80 x 100 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



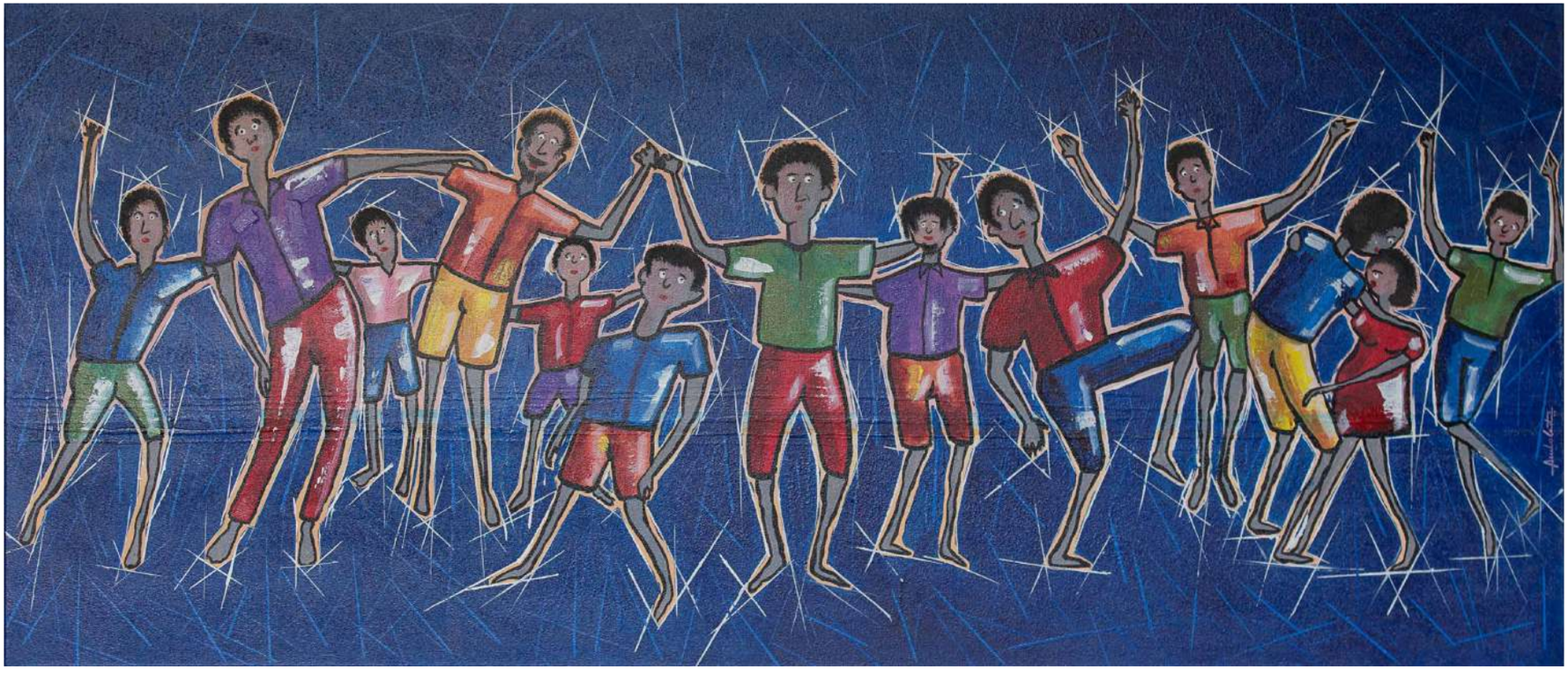
Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
97 x 118 cm
Coleção Osmane Bonincontro
Fotografia: Thiago Maia

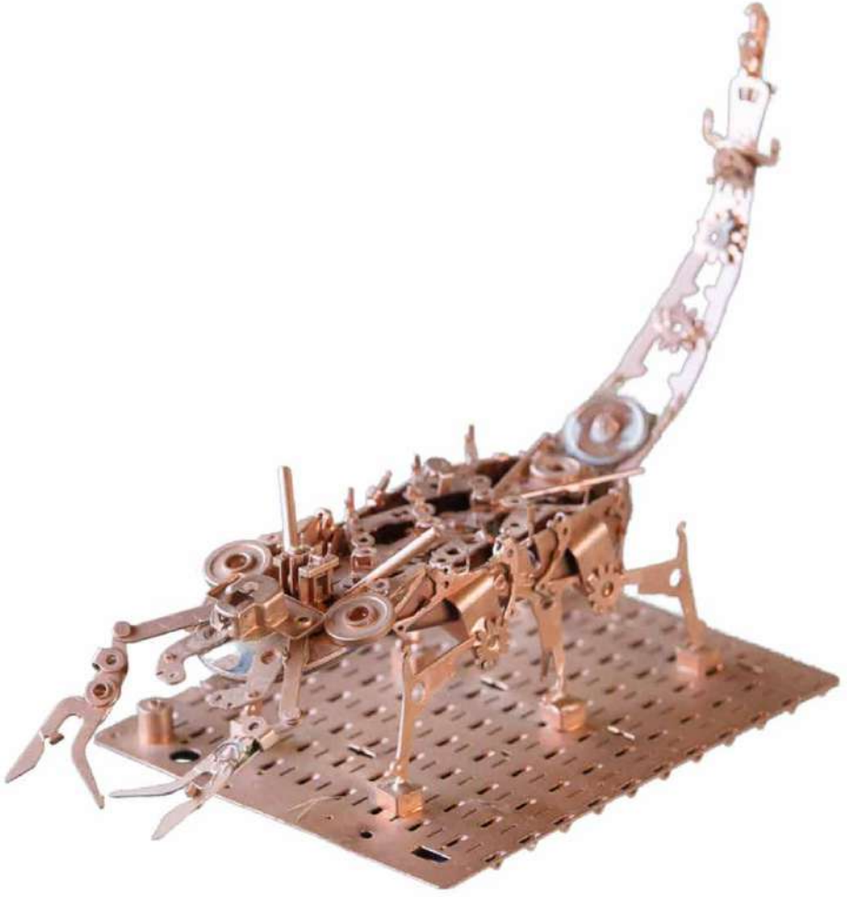


Sem título,
2010
Técnica mista sobre tela
60 x 80 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

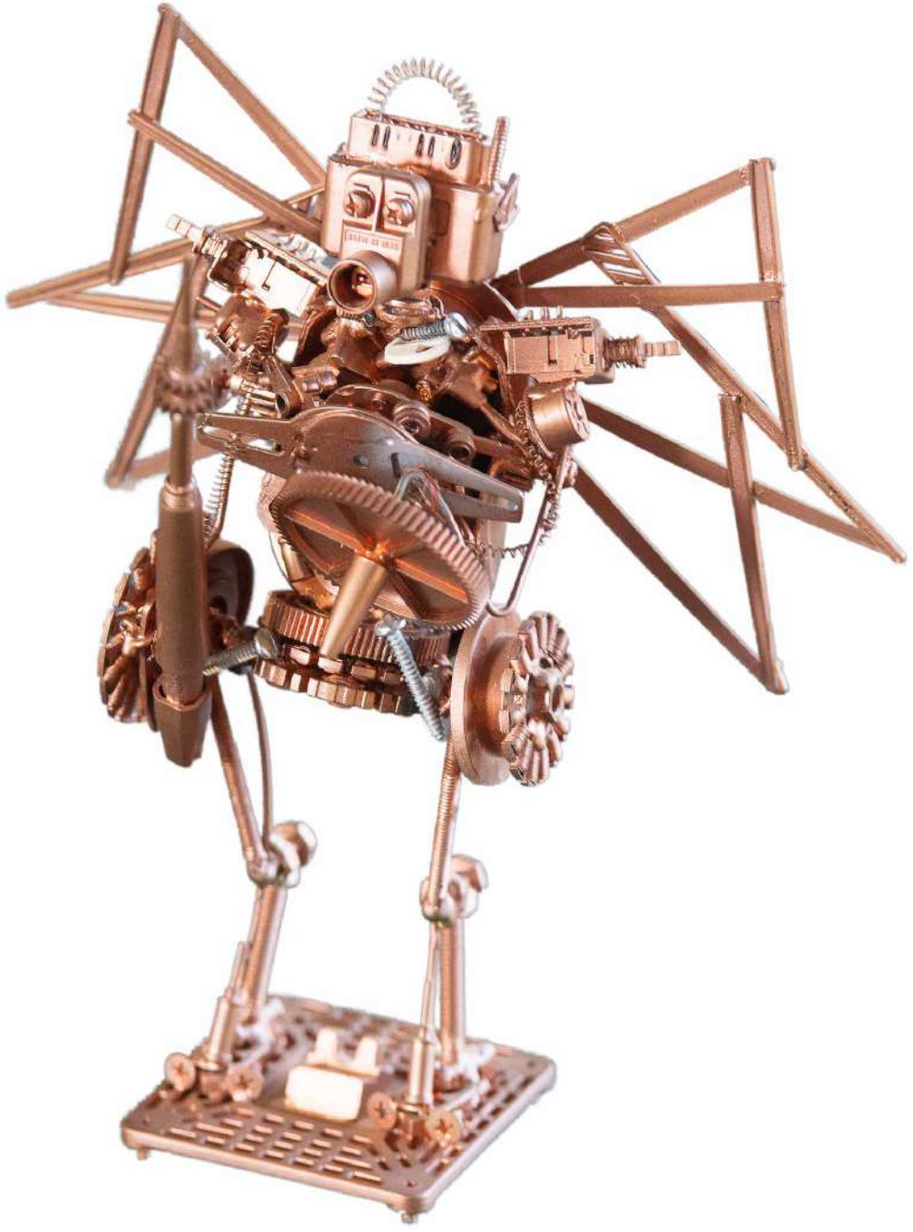
Festa no Céu,
2021
Acrílica sobre tela
60 x 140 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



ESCULTURAS



Escorpião,
2015
Metal pintado
24 x 18 x 32 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia



Homem Alado,
2015
Metal pintado
28 x 14 x 17 cm
Coleção Heloisa de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Pássaro,
2015
Metal pintado
29 x 24 x 22 cm
Coleção Pedro Henrique de Abreu
Fotografia: Thiago Maia

Cavaleiro,
2018
Metal pintado
20 x 11 x 15 cm
Coleção Paulo César Cavalcante Jr
Fotografia: Sarah Medeiros

1957 Nasceu Paulo Cesar Cavalcante dos Santos, no dia 05/11, em Maceió/AL, filho de Claudionor Pedro dos Santos e Marisa Cavalcante dos Santos. Foi criado pelos avós maternos.

1974 Aos 17 anos morou em Brasília por alguns meses.

1976 Mudou-se para Recife. Aprendeu a ser "bonequeiro". Criou a banda Scorpions.

1977 Com 20 anos, mudou-se para Brasília. Tocava cavaquinho e violão, com um grupo de amigos, em bares e festas no Distrito Federal

1980 Voltou a viver em Maceió. Casou-se com Dijane. Venceu o concurso de criação da marca de uma empresa de laticínios em Maceió. Atuou como desenhista para o Jornal de Alagoas.

1981 Nasceu seu primeiro filho, Paulo Cesar Cavalcante dos Santos Júnior.

1984 Separou-se de Dijane. Retornou a Brasília. Trabalhou em agências de publicidade como desenhista e diretor de arte.

1985 Casou-se com Eliane. Nasceu sua primeira filha, Ana Carolina.

1987 Separou-se de Eliane. Realizava apresentações musicais em casas noturnas e nos bares de Brasília.

1990 Casou-se com Heloisa. Seu interesse pela pintura se intensifica, apoiado pela esposa.

1993 Venceu o concurso de criação da logomarca do Comando Militar do Planalto. Realizou sua primeira exposição de pintura em Brasília, na AM Galeria, noticiada na mídia local. Nasceu sua segunda filha, Mariana. Criou as bandas "Parafuso" e "Brasil Cantante".

2006 Fez a abertura do show da dupla Pena Branca e Xavantinho.

2004 Lançou o CD "Eu Vou Pra Lua"com músicas de sua autoria e de outros autores.

2000 Recuperado do tratamento e da Hepatite C, retomou os shows musicais.
No Espaço Cultural Anatel realizou o show Brasileirando. Também se apresentou no Feitiço Mineiro, Teatro Dulcina de Moraes, Teatro Goldoni e Teatro Mapati.

1998 Recebeu o diagnóstico de Hepatite C, já em estado avançado.

2010 Realizou o transplante de fígado em BH/MG.

2013 Nasceu Maria Júlia, sua neta.

2015 Participou como Delegado do DF pelo Conselho Nacional de Culturas Populares, no Fórum Nacional Setorial das Culturas e Povos Tradicionais, em Serra Talhada/PE.
Nasceu seu neto João.

2016 Realizou o espetáculo "Cancioneiros Brincantes do Brasil", no Teatro Goldoni.

2018 Realizou o espetáculo "O Disquite do Coroné", nos Teatros Dulcina de Moraes e Mapati.

2020 Recebeu o Prêmio FAC – Brasília 60 anos, da Secretaria de Cultura do DF, premiação voltada para artistas e agentes culturais que contribuíram para o desenvolvimento artístico do Distrito Federal.
Durante o período de isolamento (COVID19) o "Grupo Brasil Cantante" realizou lives. Elegeu-se Conselheiro de Cultura da região administrativa Jardim Botânico.

2021 Fundou o canal Rádio Brasil Cantante (RBCWEB).
Às quintas-feiras, fazia um programa ao vivo na rádio.

2022 Faleceu em Brasília no dia 25.04.2022.

2025 Exposição individual "Paulo Cavalcante: o artista brincante" no Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul, em Brasília.

Exposição

Idealização: Heloisa de Abreu

Curadoria: Cleber Cardoso Xavier

Assistente de Curadoria: Júlia Barbosa

Produção: Ana carolina Soares, Cleber Cardoso Xavier, Heloisa de Abreu, Mariana de Abreu e Marília Abreu

Conservação de Obras: Kassandra Castro

Pintura: Vanderlan Pequeno

Montagem: Manoel Oliveira

Mestre de Cerimonia: Marilia de Abreu

Figurino: Jô Mesquita, Gilda Santos e Maria Lúcia Campos

Design Gráfico: Sofia Lima

Coordenação Musical: Ana Carolina Soares, André Henrique dos Santos Gustavo Abreu e Marilia de Abreu

Coordenação de Educativo: Cleber Cardoso Xavier

Mediação Cultural: Amanda de Sena, Eriberto de Brito, Gabriel Oliveira, Julia Barbosa, Kassandra Castro e Mina Teixeira

PAULO CAVALCANTE
O ARTISTA BRINCANTE

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
E ECONOMIA CRIATIVA

Gerente do Espaço Cultural Renato Russo
Cultural Space Renato Russo Manager
Anderson Borges de Freitas

Gerência Administrativa Espaço Cultural Renato Russo
Administrative Management Cultural Space Renato Russo

Analista de Atividades Culturais – Artes Plásticas/Visuais
Cultural Activities Analyst – Visual Arts
Luciana Ribeiro do Nascimento

Analista de Atividades Culturais – Biblioteconomia
Cultural Activities Analyst – Library Science
Margareth Ribeiro Moura

ESPAÇO CULTURAL
RENATO RUSSO 508 SUL

CACHAÇA
Gogó da Ema
DESDE 2024
WWW.CACHACADEGOGODAEMA.COM.BR

Catálogo

Idealização: Heloisa de Abreu

Curadoria: Cleber Cardoso Xavier

Assistente de Curadoria: Julia Barbosa

Projeto gráfico: Sofia Lima

Edição: Mariana de Abreu

Revisão: Heloisa de Abreu

Fotografia: Thiago Maia, Ricardo Abreu e Sarah Medeiros

Catálogo impresso em Outubro de 2025, com design em Manrope e Chaloops.

Impressão: Athalaia Gráfica.

DIVINO ESPIRITO SANTO

Naquela noite morna
Quando tudo parecia acabar
Quando a vida parecia que tinha chegado ao fim
Dentro de mim existia um fio dourado de medo
E uma galáxia cintilante de paz.

PAULO CAVALCANTE